

CARTA DO BEATO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA S.J. A UM NEOPRESBÍTERO

Identificação das passagens bíblicas e breves comentários

J. Balduino Kipper S.J. _____

SUMÁRIO:

Introdução: 1. O texto. 2. Tempo e lugar de composição. 3. O destinatário e o fim visado. **II Análise do texto:** 1. O texto latino e a tradução portuguesa seguidos. 2. Identificação das passagens bíblicas e outras e comentários pertinentes. **III Conclusões gerais.** **IV Apêndice:** Índice bíblico.

I INTRODUÇÃO

A beatificação do Apóstolo do Brasil a 22 de junho de 1980 pelo Papa João Paulo II, um pouco antes da sua visita pastoral ao Brasil, oferece ótima ocasião, para lhe estudar a vida e as obras. Por sugestão do pesquisador histórico Pe. Artur Rabuske S.J. tomei à minha conta investigar a carta que o Pe. Anchieta dirigiu a um neopresbítero; esta carta foi escrita em latim e se compõe quase inteiramente de citações da Sagrada Escritura artisticamente concatenadas.

A modo de introdução tratarei do texto desta carta, do tempo e lugar onde foi escrita, do seu destinatário e do objetivo visado pelo missivista. Em seguida passarei ao alvo principal da pesquisa, procurando identificar as passagens da Sagrada Escritura e outras e indicando-lhes o sentido no contexto da carta. No fim desta pesquisa apresentarei as conclusões gerais que emergem do estudo, e à maneira de Apêndice darei uma lista das passagens bíblicas na ordem dos livros canônicos.

Perspectiva Teológica	Ano XII	Nº 27 e 28	Maio-Dezembro	1980	p. 157-214
-----------------------	---------	------------	---------------	------	------------

1. O texto da carta

O texto original latino e uma tradução em vernáculo se encontram na Vida do Pe. Anchieta, publicada em 1672 pelo Pe. Simão de Vasconcelos S.J., em Lisboa, pgs. 302-305, respectivamente 305-308 (1). Em 1943 o Pe. Serafim Leite, autor da monumental História da Companhia de Jesus no Brasil, fez nova edição desta Vida do Pe. Anchieta (2) e a carta está no 2º volume, pgs. 101-104, 104-108. Como fonte o Pe. Vasconcelos cita na margem o Processo de Canonização do Venerável, instaurado a partir de 1620, de acordo com as determinações do Papa Urbano VIII; a citação é a seguinte: Proc.S.f.29. Pelo que vejo é a primeira publicação desta carta; em todo o caso, Afrânio Peixoto só cita esta obra como fonte na edição das Cartas e outros documentos de Anchieta, isto em 1933 (3). O primeiro biógrafo do Pe. Anchieta, Pe. Quirício Caixa S.J. (+ 1599), que escreveu em 1598 e portanto logo depois da morte do grande missionário, menciona a carta no c. 10, mas não lhe dá o texto (4).

O segundo biógrafo, Pe. Pero Rodrigues S.J. que terminou a obra em janeiro de 1607, quanto posso ver, não menciona a carta e em todo o caso não lhe dá o texto (5).

Há ainda uma descrição da vida de Anchieta, exarada em latim pelo Pe. Sebastião Beretario S.J. em cinco livros e publicada em 1617 e depois traduzida em espanhol; mas não a tenho à mão.

Tampouco pude saber, se o texto original desta carta ainda existe, ou se sobrevivem cópias, ou se houve outra publicação afora as três há pouco mencionadas. Quanto ao processo de canoniza-

-
- (1) Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Jesus, Taumaturgo do Novo Mundo, na Provincia do Brasil. Composta Pello P.Simam de Vasconcellos, da mesma Companhia.....Em Lisboa. Na Officina de Ioam da Costa M.DC.LXXII.
 - (2) Ministério da Educação e Saúde - Instituto Nacional do Livro - Biblioteca Popular Brasileira III. Rio de Janeiro 1943 (2 vols.)
 - (3) Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594) (Cartas Jesuíticas III). Rio 1933.
Ver Preliminar, pgs. 5-8, especialmente p.6, 1ª alínea no fim.
 - (4) Esta primeira biografia inédita do Beato foi publicada por Ser. Leite em Brotéria 17, 1934, 165-174, 253-264, 265.
 - (5) Pero (ou Pedro) Rodrigues, Vida do Padre José de Anchieta, publicada em Annaes da Bibliotheca Nacional 19, 1897, 1-48, segundo o códice $\frac{CX}{1-17}$ de Évora. Tem três livros num total de 25 capítulos. Na Biblioteca Nacional de Lisboa (no fundo de Akobaça) existe cópia desta vida bem mais ampla, dividida em quatro livros e com um total de 44 capítulos; foi publicada por Ed. Prado em Annaes da Bibliotheca Nacional 29, 1907, 181-287. Foi feita nova edição na Bahia em 1955 e ainda outra em 1978 pelas Edições Loyola de S. Paulo. O nome do Pe. Pero ou Pedro Rodrigues também aparece na forma de Pero Roiz ou Rois ou Rois.

ção, mencionado há pouco, fui informado que ainda existe em Roma, mas por ora é inacessível.

Nestas condições o texto dado por Vasconcelos em 1672 (e de Leite em 1943) será a base do presente estudo. O exemplar de Vasconcelos que tenho à mão, por sinal está bastante carcomido pelos bibliófagos, mas o texto latino, quando desaparecido pelos furos dos bichos, pode ser restituído seguramente pelo contexto e pela tradução portuguesa do Pe. Vasconcelos como ainda pela edição do Pe. Serafim Leite; esta, porém, apresenta não poucas erratas no texto latino.

2. Tempo e lugar da composição da carta

Sobre isto nos informa Simão de Vasconcelos no Livro V, c.3, na breve apresentação do carta; diz pois que ela foi escrita **pelo mesmo tempo** que a carta precedente, cujo texto, desta vez em espanhol, aparece no fim do c. 2. Ora esta carta foi dirigida ao Ir. Francisco de Escalante e tem a data de 7 de julho de 1591, tendo sido redigida em Reritiba, na capitania do Espírito Santo, onde Anchieta residia a partir de 1587 e onde ficou até a morte em 1597 (6). Reritiba, a partir de 1887, se chama Anchieta em honra e lembrança do ilustre cidadão e morto.

3. O destinatário da carta

Simão de Vasconcelos, na apresentação da carta, diz que Anchieta a "escreveu a um Padre amigo, de novo feito Sacerdote". Qu. Caixa no c. 10 informa que Anchieta escreveu a carta, "desejando reduzir a um que se tinha saído da Companhia, por ter muito boas partes para ela" (7). Por conseguinte se trataria dum padre que tinha abandonado a Companhia de Jesus e que Anchieta queria reconduzir para as suas fileiras. Para Vasconcelos seria um neopresbítero amigo. Teremos de ver, se o conteúdo da carta nos forneça talvez algum esclarecimento a este respeito ou o fim concreto visado pelo missivista.

II ANÁLISE DO TEXTO DA CARTA

Posto isto, entramos no tema próprio da nossa pesquisa. Para tanto daremos primeiro o texto latino e sua tradução em

(6) Simão de Vasconcelos, op.cit.302, respectivamente 301 no fim. Esta indicação cronológica fugiu a Afrânio Peixoto.

(7) Brot 17,1934,257 (cf. nota 4).

português integrais e seguidos; para facilitar o confronto, poremos nas colunas à esquerda o texto latino e nas da direita a tradução. Esta a farei de novo, valendo-me da de Vasconcelos que muitas vezes é livre. Para maior clareza e mais fácil leitura subdividirei a carta em alíneas com títulos apropriados.

Em seguida analisaremos frase por frase, indicando onde se encontra na Bíblia ou na liturgia etc., e procurando descobrir o sentido ou alcance que cada frase ou trecho tem no contexto e no conjunto da carta. As frases ou incisos serão ora mais ora menos compridos e cada um receberá um número progressivo. Para maior clareza e mais fácil orientação repetiremos os títulos postos no texto.

1. Texto latino e tradução portuguesa justapostas

TEXTO LATINO-ORIGINAL DA CARTA

TRADUÇÃO PORTUGUESA DA CARTA

JESUS MARIA

JESUS MARIA

1. Christus te illuminet in via (nos.1-7)

Christus Jesus lux vera, quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum, illuminet cor tuum, et sit splendor ejus super te, et deducat te in viam rectam, usque ad montem sanctificationis suae, montem coagulatum, et pinguem, ubi satieris ab uberibus consolationis.

2. Sacerdos Dei Altissimi, panem et vinum offerens (nos. 8-25)

Quid est homo, quia sic magnificatur a Domino? Heri, et

1. Almejos a modo de saudação inicial: Cristo o ilumine no caminho ao santo monte (nos.1-7)

Cristo Jesus, luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo, ilumine o teu coração; seu resplendor repouse sobre ti e te conduza para o caminho reto, até o seu monte santo, monte coagulado e fecundo, onde te possas fartar aos peitos da consolação!

2. Dignidade e grandeza do sacer- dócio: o sacerdote oferece ao Deus Altíssimo o pão dos anjos e o vinho que lava os nossos pecados (nos. 8-25)

Que é o homem, para ser tão engrandecido pelo Senhor? On-

nudius tertius eras parvulus, loquebaris ut parvulus, cogitabas ut parvulus, nunc autem factus es vir, Sacerdos Dei altissimi, panem, et vinum offerens.

Sed quem panem? Panem Angelorum, qui vere cibus est, quem edunt pauperes, et saturantur, panem vivum, qui de Caelo descendit, ut esurientes impletet bonis, quem qui manducat, vivit in aeternum; panem caelestem omne delectamentum in se habentem, et omnem saporem suavitalis.

Quod vero vinum? Vinum bonum, quo lavit nos a peccatis nostris, reconcilians nos Patri suo; abluens sordes filiae Sion, per quem introivit in sancta, aeterna redemptione inventa nobis, qui vincti eramus in mendicitate, et ferro, per quem confregit potentias, arcum, scutum, gladium, et bellum, pacificans omnia, sive quae in caelo sunt sive quae in terra.

3. Magnificat anima mea Dominum! (nos. 26-31)

Ecce quantum magnificavit Dominus facere tecum, admirare divitias bonitatis divinae, magnificet anima tua eum, qui te humilem exaltavit, qui tradit se quotidie in manus tuas, faciens te habitaculum suum, ministrum

tem e antontem eras de menor idade, falavas como menino, tinhas pensamentos de menino, mas agora te tornaste homem feito, Sacerdote do Deus Altíssimo, oferecendo pão e vinho.

Mas que pão é este? é o pão dos anjos, é verdadeira comida que comem os pobres e ficam fartos; é pão vivo que desceu do céu, para cumular de bens os famintos, pão que faz viver para sempre a quem o come; é pão celeste que contém todas as delícias e todo sabor da suavidade.

E que vinho é este? é vinho bom, pelo qual ele lava os nossos pecados, nos reconcilia com seu Pai e lava as manchas da filha de Sião; por ele (pelo Pai) entrou no santuário, tendo-nos obtido redenção eterna a nós que estávamos aprisionados na indigência e em ferros, pelo qual quebrou as potências, o arco, o escudo e a espada, e (desfez) a guerra, pondo tudo em paz tanto no céu como na terra.

3. Maravilhas que o Senhor opera no sacerdote: entrega-se nas suas mãos todos os dias e fá-lo ministro e despenseiro seu (nos. 26-31)

Eis que grandes coisas o Senhor operou em ti! Admira as riquezas da bondade divina, tua alma engrandeça a ele que, apesar da tua humildade, te exaltou, se entrega todos os dias em tuas mãos, fazendo de

suum et dispensatorem misteriorum suorum.

4. Labora, ut fidelis inveniaris et innocens! (nos. 32-41)

Labora ergo, ut fidelis inveniaris, et lavare septies in Jordane, ut macula non sit in te, et si jam lotus es lava pedes saepius, accedens ad fontes aquarum viventium, custodi cor tuum, ut sanctificet tabernaculum suum Altissimus intrans ad te, inambulans in te, et caenans tecum.

5. O sacrum et magnum convivium! (nos. 42-48)

O caena magna, o grande convivium, quod non septem diebus solum praeparatur, sed nobiscum est usque ad consumptionem saeculi, ad quod non omnis populus solum, qui est in Susan, sed mundus universus a maximo usque ad minimum invitatur, in quo vinum ut magnificentia regia dignum est, bibunt, invitati abundant, et praecipuum impinguentes animas suas.

6. Jesus, arbor vitae, qui regnavit a ligno (nos. 49-52)

Quis mihi det edere de ligno vitae? Nonne tu, qui solus es

ti morada sua, seu ministro e dispenseiro dos seus mistérios.

4. É preciso esforçar-se, para ficar fiel e gozar da companhia do divino hóspede (nos. 32-41)

Portanto esforça-te, para que te encontre fiel, toma banho sete vezes no Jordão, de modo que em ti não haja mancha; e se já tiveres tomado banho, lava seguidamente os pés e aproxima-te das fontes de águas vivas.

Guarda teu coração, para que o Altíssimo santifique a sua tenda e entre em tua casa, andando em tua companhia e jantando contigo.

5. O grande e incomparável banquete eucarístico (nos. 42-48)

O grande ceia, ó grande banquete que não é preparado apenas para sete dias, mas permanece conosco até a consumação dos séculos, para o qual é convidado não apenas toda a população de Susa, mas o mundo inteiro desde o maior até o menor, no qual se toma o vinho à altura da liberalidade régia, há grande número de convidados, e o principal é que saem satisfeitas e alentadas as suas almas.

6. Jesus, árvore da vida que conserva a vida e sacia (nos. 49-52)

Quem me dera comer os frutos da árvore da vida! Não és tu

vita. O bone Jesu qui regnasti a ligno?

7. Utinam tecum habitem! (nos. 53-76)

Da ergo te mihi o fructus benedicti virginis ventris, da te mihi ut inveniam te, et manducem, et saturer nimis, nec frauder a desiderio meo, te enim desiderat, et concupiscit anima mea. Ubi habitas Domine? Ubi cubas, quo declinasti dilecte mi, speciose forma prae filiis hominum, amabilis super amorem mulierum, candide, rubicunde, et electe ex millibus? Quo abiisti a me? fugistine super montes aromaticum, ut hinnulus cervorum velocissimus? Quomodo apprehendam te, si exultas, ut gigas ad currendam viam? Revertere Fili Mariae, revertere ut intuear te, vel da mihi pennas, sicut columbae, ut volem, et requiescam in te, ut teneam te, nec dimittam, donec benedixeris mihi, adhaereatque anima mea post te, nec me tenebrae comprehendant, sed sequar te lumen vitae, et in nomine tuo videam lumen.

8. O utinam plane mundatus essem a peccatis meis! (nos. 77-83)

que só és a vida? não és tu, ó bom Jesus, que reinaste do alto da árvore (da vera cruz)?

7. Desejos ardentes de estar com Jesus (nos. 53-76)

Portanto entrega-te a mim, fruto do bendito ventre da Virgem, entrega-te a mim, para que te encontre, coma e fique farto de uma vez, de modo que meu desejo não seja frustrado: pois a ti deseja e por ti anela minha alma.

Senhor, onde moras? onde te recolhes, aonde te dirigiste, meu dileto, o mais belo dos filhos dos homens, mais amável que amor de mulher, ó cândido, ó rosado, ó dileto entre milhares! Para onde te apartaste de mim? então fugiste para os montes aromáticos à maneira dum veadinho muito veloz? Como te poderei apanhar, se qual gigante corres corres com júbilo o teu caminho?

Volta, filho de Maria, volta, para que te veja, ou então dá-me asas como as da pomba, para voar e achar repouso em ti, para que te segure nem te largue mais, até que me tenhas dado tua bênção, e minha alma se apegue a ti, para que as trevas não me surpreendam, mas que eu te siga a ti que és luz da vida, e no teu nome veja a luz!

8. Pureza de coração e humildade, para receber dignamente a Jesus e tirar águas da fonte viva (nos. 77-83)

O utinam plane mundatus essem a peccatis meis, Pater carissime, ut non manducarem, nec biberem indigne corpus, et sanguinem Domini, sed in spiritu humilitatis, et corde contrito introirem ad altare Dei, ubi haurirem aquas de fonte, qui est in medio Paradisi, fonte vivo, fonte aquae salientis in vitam aeternam.

9. Quamvis sim indignus, amem Deum ex toto corde (nos. 84-94)

Sed heu, heu, caput meum plenum est cogitationibus, quae sunt sine intellectu, aruit cor meum tanquam faenum, et lingua mea adhaesit faucibus meis, non cantans canticum novum Domino, qui tot mirabilia fecit, cui in escam datum est fel, et in siti oblatum est acetum, ut dulcia essent faucibus meis eloquia ejus, et ipsius musto plenus, solum Dominum Deum meum toto corde, mente, et anima diligere, omnia arbitraris sicut stercora, ut Christum lucrifacerem, in ejus amore jugiter delectarer.

10. Spero in Deum, qui peccata mea dimittit (nos. 95-105)

Sed spero in Deo, quoniam adhuc confitebor illi, ambulans immaculatus in via, quia ipse convertet faciem suam ad me, et benedicet mihi, nec secundum

Ó prouvera a Deus que me visse completamente limpo de meus pecados, caríssimo Pai, para não comer e beber indignamente o corpo e sangue do Senhor, mas sim com espírito humilhado e coração contrito me dirigir ao altar de Deus onde possa tirar águas da fonte que está no meio do paraíso, que é fonte viva, fonte, cuja água jorra para a vida eterna.

9. Embora indigno, desejaria amar ao Senhor de todo o coração (nos. 84-94)

Mas ai, ai de mim, minha cabeça está cheia de apreensões insensatas, meu coração ficou seco como feno, minha língua se pegou ao céu da boca, de modo que não consiga entoar um cântico novo ao Senhor que operou tantas maravilhas, a quem deram de comer o fel e ofereceram vinagre, para matar a sede, para que suas palavras fossem doces ao meu paladar e, cheio do seu mosto, eu amasse somente ao Senhor meu Deus de todo o coração, com toda a mente e alma, tendo tudo na conta de vil escória, para ganhar a Cristo, e pondo em seu amor todas as minhas delícias.

10. Sentimentos de confiança/esperança no perdão dos pecados (nos. 95-105)

Mas tenho esperança em Deus, já que ainda lhe confessarei, andando sem mancha no caminho, porque ele voltará sua face para mim e me abençoará;

iniquitates meas faciet, in aeternum irascens mihi, sed omnium debitum dimittet, non permittens me ejici in tenebras exteriores, sed dabit lumen semitis meis verbum suum, ut ambulem, dum lucem habeam ut non offendam, si in tenebris ambulavero.

11. Ora sine intermissione pro me!
(nos. 106-117)

Tu ergo effunde in conspectu Dei orationem tuam, sed sub umbra ejus quem desiderat anima tua, et cum venerit ad te cubiturus in meridie, apprehende eum, introducens in cubiculum matris suae, ut ibi te doceat, quam dilatatae sunt tribulationes cordis mei, quam multiplicatae aerumnae, quam inutilis factus sim, et sic respiciens in me, miserearis mei, orans sine intermissione, ut deleat iniquitatem meam Dominus et det mihi spiritum bonum.

12. Gaude in Domino semper!
(nos. 118-129)

Sed quare affligo cor tuum, haec commemorans, gaude in Domino charissime, iterum dico, gaude, quia plantavit te in domo sua, ubi ut oliva fructifera, et speciosa in campis, colluctationem habens adversus mundi Principes, et Rectores tenebrarum harum uberi fructus affers,

tampouco me tratará, como o merecem minhas maldades, ficando eternamente irritado contra mim, mas me perdoará toda a dívida, não me deixando ser jogado nas trevas de fora, e sim dará sua palavra como luz para as minhas veredas, de modo que possa caminhar e não venha a tropeçar, enquanto tiver luz e andar nas trevas.

11. Exortação a rezar com confiança (nos. 106-117)

Portanto larga as velas de tua oração na presença de Deus, mas (faze-o) à sombra daquele que tua alma deseja; e quando vier ter contigo, para habitar em tua casa ao meio-dia, agarra-o e o introduz no cubículo de sua mãe, para que lá te ensine, quão grandes são as tribulações de meu coração, quantos são os sofrimentos, quão inútil me tornei, de modo que, pondo os olhos em mim, tenhas compaixão de mim e rezes sem parar que o Senhor apague a minha iniquidade e me dê espírito bom.

12. Alegra-te, prega o Evangelho que tem profunda força de penetração (nos. 118-129)

Mas porque ando a magoar o teu coração, lembrando estas coisas? Alegra-te no Senhor, caríssimo! repito: alegra-te, porque te plantou na sua casa, onde qual oliveira nos campos, fecunda e formosa, embora travando luta acirrada contra os Principes do mundo e os Gover-

predicans Evangelium omni creaturae, et interponens nomen Domini Jesu, quod oleum effusum est, cujus sermones moliti super oleum ipsi sunt jacula, et penetrabiliores omni gladio ancipiti.

13. Vigila, opus fac Evangelistae, considera Matrem Jesu desolatam (nos.130-141)

Vigila ergo, et opus fac Evangelistae, ambulans in via immaculata, ministra Domino, et ne habitet in medio domus tuae superbia, sed perambula in innocentia cordis tui offerens Deo hostiam sanctam, vivam, quae tollit peccata mundi, et cum sanctum Isaac immolaveris superstruem lignorum, considera ad dexteram, et videbis Matrem Jesu desolatam, plorantem in illa nocte, qua factae sunt tenebrae super universam terram a sexta hora usque ad nonam, quam vindimiavit, sicut locutus est Dominus in die irae furoris sui.

Vale. Joseph.

nadores destas trevas, produzes frutos abundantes, ao pregares o Evangelho a toda criatura e interpuseres o nome do Senhor Jesus, que é azeite deramado e cujas palavras são mais suaves que azeite, mas assim mesmo são dardos e mais penetrantes que toda espada de dois gumes.

13. Conclusão: Exortação a ser vigilante e andar no bom caminho, para oferecer dignamente o santo sacrifício (nos. 130-141)

Por conseguinte, sê vigilante e faze o trabalho dum evangelista, palmilha o caminho irrepreensivelmente, sê ministro do Senhor nem habite no meio de tua casa a soberba, mas anda na inocência de teu coração e oferece a Deus a hóstia santa e viva que tira os pecados do mundo. Quando imolares o santo Isaac sobre o montão de lenha, olha para o lado direito e verás a Mãe de Jesus desolada, chorando naquela noite, na qual houve trevas em toda a terra desde a hora sexta até a nona, a qual o Senhor vindimou, como ele falou no dia da sua cólera e furor.

Passa bem! José.

2. Identificação das passagens bíblicas e litúrgicas etc. e comentários

Vimos o texto da carta no seu conjunto; passemos agora à identificação das passagens bíblicas e litúrgicas e outras: para tanto vamos isolar as passagens ou incisos, atribuindo a cada um uma cifra sucessiva.

O Pe. Anchieta usava a Bíblia latina, chamada Vulgata. Dá-se, porém, o caso que esta Bíblia, embora declarada autêntica ou fazendo autoridade dogmática e moral no concílio de Trento em 1546, só recebeu sua edição oficial em Roma no tempo dos papas Sixto V e Clemente VIII (1590-1598), sendo por isso chamada de Vulgata sixto-clementina. Portanto parece muito pouco provável que Anchieta, escrevendo por 1591, tenha tido em mãos um exemplar desta edição oficial; segundo todas as probabilidades ele se serviu duma edição anterior que não era certamente muito diferente, mas apresentava algumas variantes do texto oficial, como de fato veremos.

Naturalmente se pode perguntar, se Anchieta na rústica Reritiba teria à mão uma Bíblia completa; poderiam bastar-lhe sua prodigiosa memória e os livros litúrgicos, especialmente o missal e o breviário.

Mas já que, mesmo ao tempo em que ele era refém dos tamoios em Iperoig (1563), tinha consigo uma Bíblia ilustrada e outros livros, como ele mesmo escreve pouco mais dum ano depois, em princípios de 1565 ao Pe. Geral Lainez (8), pode-se supor razoavelmente que também a tivesse em Reritiba.

De qualquer modo Anchieta usa a Bíblia latina, chamada Vulgata, e por isso seguirei sua numeração de capítulos e versículos, e não a do texto hebraico; isto vale particularmente dos Salmos, cujas citações são muito freqüentes, como veremos.

Note-se ainda que Anchieta não cita sempre à letra, mas adapta muitas vezes as frases ou incisos ao contexto concreto da carta. Dito isto, vamos à análise das passagens.

1) Almejos a modo de saudação inicial: Cristo ilumine ao neopresbítero e o conduza ao seu santo monte (nos. 1-7)

Anchieta começa a carta dirigindo-se em segunda pessoa ao seu destinatário e falando-lhe da grandeza da dignidade sacerdotal que ele recebeu há pouco.

(8) Carta do Irmão José de Anchieta de 8 de janeiro de 1565 de S. Vicente ao Pe. Lainez, em Ser. Leite, Monumenta Brasiliae IV (1563-1568) (Monum^a Hist^a S.J. vol 87), Roma 1960, §§ 14.608 (p.141)25.1499 (p.169) 29.1719 (p.176). O texto desta carta também se encontra em Annaes da Bibl. Nac. 2,1877,79-123; Cartas de Anchieta 1933,196-240.

1. Christus Jesus lux vera, quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum:

Cristo Jesus, luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo.

Esta passagem se encontra no prólogo do quarto Evangelho (Jo 1,9) que, como a gente se recorda, até alguns anos atrás, era lido como último Evangelho da missa. Mas não é certo que no tempo de Anchieta já estivesse em uso universal no Brasil. A primeira Congregação Geral da Companhia de Jesus em 1558 resolveu adotar um Evangelho final, mas deixava à livre escolha do celebrante o prólogo de S. João ou o evangelho de Lc 11,27-28 (9).

Anchieta apenas supre o sujeito oculto da frase "Cristo Jesus"; quanto ao "in hunc mundum", o pronome demonstrativo falta nas edições críticas modernas, mas aparece na Vulgata sexto-clementina. É interessante notar que no texto da Vulgata que Beza dá no seu Novo Testamento Greco-latino de 1580, falta o demonstrativo "hunc".

2. illuminet cor tuum: ilumine o teu coração.

É adaptação de Eclo 2,10: Vós os que temeis a Deus (variante: ao Senhor), amai-o, e os vossos corações serão iluminados. Ef 1,18 alude a esta passagem, falando dos "olhos iluminados do vosso coração" (cf. Sl 18,8).

3. et sit splendor ejus super te: seu resplendor repouse (ou permaneça, venha) sobre ti.

A frase provém do Sl 89,17: Sit splendor Domini Dei nostri super nos.

4. et deducat te in viam rectam: e te conduza para o caminho reto (ou acertado).

Provém do Sl 106,7: Et deduxit eos (Dominus) in viam rectam. Trata-se de gente perdida no deserto. Também Sb 10,10 entra em questão: a Sabedoria conduziu ao justo fugitivo (isto é a Jacó) por caminhos retos (Gn 27,41-29,14).

5. usque ad montem sanctificationis suae: até o seu monte santo.

É adaptação do Sl 77,54: Et induxit eos in montem sanctificationis suae, falando dos israelitas que entraram em Canaan (cf. Êx 15,17).

(9) J.A. Jungmann, *Missarum Sollemnia II*, Wien 1949², 543-44, citando *Decreta Congr. Gen. I* n.83 (Institutum S.J.II), Florença 1893,176.

6. **montem coagulatum et pinguem:** monte coagulado (ou de queijo, leite) e fecundo. Simão de Vasconcelos traduz livremente: "monte cheio e fértil".

O inciso ocorre no SI 67,16: *Mons Dei mons pinguis, mons coagulatus, mons pinguis*. Parece que esta tradução visa ou o Monte Sião onde, a partir dos tempos de Davi e Salomão, estava o santuário (principal) de Israel, ou então todo o território de Israel que se distingue por seu caráter montanhoso e onde morava Deus com o povo eleito. O texto hebraico deve ser traduzido de maneira diferente. Como no n.º precedente Anchieta obviamente pensa na Igreja e mais particularmente na celebração da missa em lugar santificado ou no altar.

7. **ubi satieris ab uberibus consolationis:** onde te possas fartar aos peitos da consolação.

Isto deve provir de Is 66,11 onde lemos: *ut sugatis et repleamini ab ubere consolationis eius* — para que chupeis e vos vejais fartos ao peito da sua consolação. O verbo *satiare* no passivo não ocorre na Vulgata com os complementos acima. O plural "peitos" ocorre como variante na Versão dos Setenta e conseqüentemente em vários códices da Vulgata e testemunhos litúrgicos; mas no nosso caso o plural "ubera" se explica talvez melhor, porque é muito mais freqüente que o singular, pois este só ocorre em Is 11,8 e no citado 66,11, enquanto o plural é particularmente freqüente em Cânt que Anchieta emprega muito, como veremos adiante, p.ex. nos.34.36.55.60.61.

Portanto resumindo, nos damos conta que este exórdio epistolar lembra as solenes saudações iniciais das cartas do N.T., especialmente as de S.Paulo às suas Igrejas e aos seus colaboradores. Temos aqui uma espécie de parabéns a um padre ordenado há pouco.

- 2) **Dignidade e grandeza do sacerdócio:** o sacerdote oferece ao Deus Altíssimo o pão dos anjos e o vinho que lava os nossos pecados (nos. 8-25).

Aqui podemos ver o começo da exposição ou do corpo da carta, visando conscientizar ao neopresbítero da sublimidade do ministério de que foi investido. O missivista continua a se dirigir em segunda pessoa ao neopresbítero e a falar da excelência do estado sacerdotal (nos. 8-11).

8. **Quid est homo, quia sic magnificatur a Domino?** Que é o homem, para ser engrandecido tanto pelo Senhor?

O texto mais próximo é Jó 7,17: *Quid est homo, quia magnificas eum? ...para o engrandeceres?* Mas o seu conteúdo lembra igualmente o Sl 8,5 143,3 (Eclo 18,7) Hebr 2,6b. Como aparece pelo que segue, o nosso missivista alude à pequenez e indignidade do homem que recebe a sublime dignidade sacerdotal que consiste nos poderes sagrados e inauferíveis de consagrar o pão e o vinho e de perdoar os pecados (mas neste ministério Anchieta não toca em toda a carta).

9. **Heri, et nudius tertius: ontem e anteontem.**

Esta expressão ocorre dezessete vezes no A.T. e significa "outrora", até há pouco, até ao presente, e aqui certamente insinua "até pouco tempo atrás", dirigida que é a um neopresbítero.

10. **eras parvulus, loquebaris ut parvulus, cogitabas ut parvulus, nunc autem factus es vir:** (até pouco tempo atrás) eras de menor idade, falavas como menino, tinhas pensamentos de menino, mas agora te tornaste homem feito.

Vê-se claramente que o trecho é adaptação da 1 Cor 13,11 onde S.Paulo fala da excelência e imperecibilidade da caridade, opondo nosso estado atual imperfeito, neste mundo, ao estado perfeito que resulta da visão de Deus. O "autem" (mas) falta nas edições críticas, mas aparece na Vulgata clementina e também na forma da Vulgata que usa Beza na sua edição greco-latina do N.T. de 1580. Por outro lado Anchieta omite o inciso "*sapiebam ut parvulus*" = apreciava (ou julgava as coisas) como menino.

11. **(factus es vir) Sacerdos Dei altissimi, panem, et vinum offerens:** Sacerdote do Deus Altíssimo, oferecendo (ou que oferece) pão e vinho.

É citação de Gn 14,18 com inversão dos membros: ...**Melchisedech rex Salem, proferens panem et vinum** (erat enim sacerdos Dei altissimi).

Portanto o novel padre, quando reza a missa, realiza ou leva à perfeição o que o rei-sacerdote Melquisedeque tinha prefigurado no seu sacrifício de pão e vinho. Para Anchieta é claro que o misterioso rei-sacerdote ofereceu um sacrifício: isto ele realça empregando o participio do verbo *offerre* = "oferecer", imolar, em lugar da lição unânime da Vulgata "*proferens*" = "apresentando", "levando ao encontro". É significativo que uma velha concordância de 1585 e portanto do tempo de Anchieta não indica Gn 14,18 no verbete "*offero*", mas sim no de "*profero*" (ver nota 21).

"Protulit" = apresentou também é o texto crítico da Vetus Latina, mas um número considerável de testemunhos dão *obtulit* (ou *optulit*) ou *offerens* (10). Mas donde então Anchieta teria tirado seu singular "offerens"? Para mim seria reminiscência do cânon romano onde, depois da consagração, se fala do sacrifício "que te ofereceu o teu sumo sacerdote Melquisedeque" (*quod tibi obtulit summus sacerdos tuus Melchisech*).

12. Sed quem panem? Panem angelorum: Mas que pão é este? é o pão dos anjos.

O missivista começa a falar do Pão do Anjos e dos seus frutos nas pessoas (nos. 12-18; 24-25). A pergunta "Mas que pão é este?" serve apenas de transição e nesta forma não ocorre na Sagr. Escritura; ou ao menos eu não a encontrei.

Panem angelorum ocorre no SI 77,25 a propósito do maná no deserto, figura do pão eucarístico (Jo 6,32.50); o maná também era chamado "alimento dos anjos" (Sb 16,20: ver nº 18) e "pão celeste" (Ex 16,4b Ne ou 2 Esdr 9,15 SI 77,24b Jo 6,31.32), "comida espiritual" (1 Cor 10,3). Volta-se a falar do maná no nº 18.

13. (panem angelorum), qui vere cibus est: que é verdadeira comida.

Isto são palavras de Jesus no discurso do pão da vida: Minha carne é verdadeira comida (Jo 6,56 [55]).

14. (panem ou cibus), quem edunt pauperes, et saturantur: (pão ou comida) que comem os pobres e ficam fartos.

É do SI 21,27a, estando os verbos no futuro; o salmista curado e agraciado convida os "pobres" ou piedosos a participarem do banquete por ocasião do sacrifício de ação de graças ou "eucarístico", figura do banquete eucarístico.

15. panem vivum, qui de caelo descendit: pão vivo que desceu do céu.

Voltamos ao discurso eucarístico de Jesus: "Eu sou o pão vivo que desci do céu" (Jo 6,51; cf. vv.32c.d.33.41b.50a.59); **pão vivo** ou da vida também ocorre nos vv.35b.48a.(59). Do "pão vivo que desceu do céu" também fala a oração de S. Ambrósio para antes da missa, nas sextas-feiras pelo princípio.

- 16. ut esurientes impleret bonis:** para cumular de bens os famintos.

Isto provém do "Magnificat" de Maria: "Cumulou de bens os famintos" ou os que têm fome (Lc 1,53a). Idéia semelhante ocorre no SI 106,9b. O "Magnificat" volta no nº 28.

- 17. quem (panem) qui manducat, vivit in aeternum:** (pão) que faz viver para sempre (ou dá vida eterna) a quem o come.

É mais uma passagem do discurso do pão da vida: Quem comer deste pão, viverá para sempre (Jo 6,52a), ou Quem come este pão, vive para sempre (tem a vida eterna: 6,59c).

- 18. panem caelestem omne delectamentum in se habentem, et omnem saporem suavitatis:** pão celeste que contém todas as delícias e todo o sabor da suavidade (ou é de sabor/gosto consumado).

Fala-se uma vez mais do maná, figura da Eucaristia, e a passagem, abreviada por Anchieta, se encontra em Sb 16,20: pro quibus angelorum esca nutriti populum tuum, et paratum panem e caelo praestitisti illis sine labore, omne delectamentum in se habentem et omnis saporis suavitatem. Em contraste com os egípcios alimentaste o teu povo com o alimento dos anjos, e deste-lhes pão, vindo do céu ... que continha todas as delícias e a suavidade de todo sabor. Este texto já foi mencionado no nº 12 onde também foram citados outros paralelos bíblicos. A mesma alusão ao maná eucarístico se encontra na oração de S. Ambrósio que figura no antigo Missal Romano, para ser rezada nos sábados antes da missa. A mesma fórmula ocorre, com ordem um pouco diferente, na oração de S. Boaventura para depois da missa.

- 19. Quod vero vinum? Vinum bonum, quo lavit nos a peccatis nostris:** E que vinho é este? é vinho bom, com o qual ele lavou os nossos pecados.

Como no texto paralelo no nº 12, aquele "Quod vero vinum?" é frase que serve de nexos ou transição e como tal não se encontra na Bíblia, ao menos enquanto eu vejo.

De **vinho bom** fala duas vezes o "maître" ou mordomo nas bodas de Caná (Jo 2,10) e parece que é a única vez que na Bíblia se fala expressamente de "vinho bom"; Cânt 7,9 o esposo diz que o pescoço da sua amada é como vinho **muito bom** ou excelente (cf. 1,1), e Jesus diz que o vinho velho é **melhor** que o novo (Lc 5,39).

Portanto para o nosso missivista o vinho das bodas é símbolo do vinho eucarístico ou do sangue de Cristo, no que ele está em

compañia de exegetas modernos e também de Clemente de Alexandria. (vinho bom) com o qual ele lavou os nossos pecados: Alude-se ao Apc 1,5: João saúda as sete Igrejas da Ásia, almejando-lhes a paz da parte do Deus eterno, dos sete espíritos e de Jesus Cristo "que nos amou e nos lavou de nossos pecados (ou lavou os nossos pecados) com seu sangue" (cf. Hebr 9,14 1 Jo 1,7c Ef 1,7 Rom 3,25).

No nosso caso o sujeito gramatical de "lavit" se deve tirar do contexto e do próprio texto bíblico, e certamente é Jesus Cristo, o que é confirmado pelo que segue.

A partir do nº 12 o missivista falava dos frutos da Eucaristia para os fiéis em geral, a partir do nº seguinte até o nº 23 inclui expressamente a si e ao destinatário da carta: reconciliar-nos etc.

20. reconcilians nos Patri suo: reconcilia-nos com seu Pai.

Este complemento é adaptação de 2 Cor 5,18-19 e Rom 5,10. 2 Cor 5,18-19 rezam assim: *Omnia autem ex Deo, qui reconciliavit nos sibi per Christum...*; 19... *Deus erat in Christo mundum reconcilians sibi*. Rom 5,10: *Si enim ... reconciliati sumus Deo per mortem Filii eius, multo magis reconciliati salvi erimus in vita ipsius*. Vê-se portanto que a verdade geral ou a reconciliação do pecador com Deus é a mesma em Anchieta e nas duas passagens paulinas; mas em 2 Cor 5,18-19 a reconciliação é atribuída a Deus, e não a Cristo que é o mediador ou instrumento da reconciliação com Deus; além disto Paulo fala em Deus e não no Pai. No texto de Rom 5,10 se insiste no fato da reconciliação com Deus (não com o Pai) através da morte de Cristo; portanto expressamente nada se diz sobre quem é o autor imediato da reconciliação; pelo contexto é Deus que foi ofendido pelos nossos pecados e portanto deve realizar a reconciliação. Anchieta atribui a reconciliação com o Pai a Cristo e seu sangue derramado.

21. abluens sordes filiae Sion: lava as manchas da filha de Sião.

A passagem provém de Is 4,4: *Si abluerit Dominus sordes filiarum Sion: Se o Senhor tiver lavado as manchas da filha de Sião e o sangue (derramado) em Jerusalém, quer dizer os crimes violentos.*

Note-se que a edição crítica dá *sordem* no singular, e não *sordes* plural; mas o plural aparece no excelente códice Amiatino, adotado pela Vulgata sixto-clementina.

22. per quem introivit in sancta, aeterna redemptione inventa nobis...: por ele entrou no santuário, tendo-nos obtido redenção eterna.

É passagem de Hebr 9,12b, (Christus)... *per proprium sanguinem introivit semel in sancta, aeterna redemptione inventa*.

Aquele "per quem" = pelo qual ou por quem deixa dúvidas acerca da identidade: pelo contexto se pensaria no Pai. Mas qual seria a função do Pai nesta entrada no santuário celeste ou no santuário do corpo glorificado de Cristo? A carta aos Hebreus refere este complemento ao sangue de Cristo que este levou para dentro do santuário em lugar do sangue dos bodes e bezerros. Simão de Vasconcelos vê nele o vinho bom, figura do sangue de Cristo, portanto traduz segundo o sentido e não à letra, não podendo o relativo "quem" masculino referir-se a "vinho" que em latim é neutro e exigiria "quod".

23. *...nobis, qui vincti eramus in mendicitate, et ferro: ...a nós que estávamos aprisionados (ou encadeados, amarrados) na indigência e em ferros.*

A frase encontra-se no SI de ação de graças coletivo 106,10: (Dominus satiavit) *...vinctos in mendicitate et ferro*. O texto representa um eco remoto de Is 42,7 que reaparece no fim do "Benedictus" de Zacarias (Lc 1,79). Anchieta tem em vista não a prisão comum dos criminosos e perseguidos, mas os agrilhoados pelo pecado.

24. *per quem confregit potentias, arcum, scutum, gladium, et bellum*: pelo qual quebrou as potências, o arco, o escudo e a espada e (desfez) a guerra.

É o SI 75,4: *Ibi confregit potentias arcuum, scutum et gladium et bellum*. Idéias análogas aparecem em 45,10 Os 2,18b Ez 39,9 (Jdt 9,10 16,3).

Ter-se-á notado que a Vulgata tem: quebrou as potências (ou a força) dos arcos, e não "as potências, o arco" etc. O texto hebraico parece falar de flechas incendiárias. O "per quem" mais uma vez visa a Cristo que através da sua morte ou sangue derramado opera a paz total, como o vai repetir o inciso seguinte.

25. *pacificans omnia, sive quae in caelo sunt sive quae in terra*: pondo tudo em paz tanto no céu como na terra.

A frase se encontra em Col 1,20: *et per eum (i.e. Filium dilectum Patris) reconciliare omnia in ipsum, pacificans per sanguinem crucis eius sive quae in terris sive quae in caelis sunt*. Note-se que por "in caelo" e "in terra" no singular os códices todos dão, sem diferença de sentido, o plural "in caelis", "in terris"; além disto o texto crítico dá a seqüência: "na terra" – "no céu", ao contrário da nossa carta e de alguns códices.

- 3) **Maravilhas que o Senhor opera no sacerdote:** entrega-se nas suas mãos e fá-lo seu ministro e despenseiro (nos. 26-31)

Aqui Anchieta volta a se dirigir diretamente ao destinatário da carta até o nº 41.

26. **Ecce quantum magnificavit Dominus facere tecum:** Eis que grandes coisas (ou maravilhas) o Senhor operou em ti!

O "Ecce quantum" não encontrei tal qual, é elemento de transição; mas poderia ter em vista os SIs 91,6 e 103,24: *Quam magnificata sunt opera tua, Domine!* O que segue é do SI 125,2d-3a: **Magnificavit Dominus facere nobiscum.** Trata-se da maravilhosa volta dos exilados da Babilônia (cf. 65,16 Mc 5,19c Lc 8,39 Is 12,5).

27. **admirare divitias bonitatis divinae:** admira as riquezas da bondade divina!

O imperativo "admirare" no singular nunca ocorre na Bíblia latina, o plural ocorre em Is 29,9 e Hab 1,5 At 13,41. O que vem depois se encontra em Rom 2,4: *An divitias bonitatis eius et patientiae et longanimitatis contemnis?*

28. **magnificet anima tua eum, qui te humilem exaltavit:** tua alma engrandeça (enalteça, celebre) aquele que, apesar da tua humildade, te exaltou.

De imediato se percebe que este convite a reconhecer as maravilhas que Deus operou no neopresbítero, se baseia no "Magnificat" de Maria: o missivista adapta o princípio deste cântico à situação da carta (Lc 1,46b) e para a segunda parte se serve duma frase que se encontra pelo meio do cântico: *Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles* (v.52); há igualmente alusão ao v. precedente 48a: *respexit humilitatem ancillae suae*. No caso há um apelo discreto à devoção mariana, como nos nos.16.69.110.137-139.

29. **qui tradit se quotidie in manus tuas:** que se entrega todos os dias nas tuas mãos.

Esta frase tem em vista a celebração diária da santa missa, na qual Cristo se entrega nas mãos do sacerdote; mas não consigo encontrar passagem bíblica correspondente. Acode, é verdade, à mente a palavra de Jesus, quando prediz a segunda vez sua paixão e morte: O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens (Mt 17,21 parr; ver também 26,45 e Lc 24,7). Mas Anchieta dificilmente quererá insinuar a um neosacerdote que o Cristo eucarístico pode cair nas mãos de sacerdotes indignos e criminosos. Portanto não

encontro texto bíblico apropriado; ou seria algum texto litúrgico? Tampouco encontrei um "quotidie" adaptado ao nosso contexto; muito remotamente talvez se poderia citar o que Eclo 45,17 diz de Aarão: *Sacrificia ipsius consumpta sunt igni cotidie* (cf. os textos paralelos de Ez 46,13 e 3 Esdr 4,52). De qualquer modo, como nos sermões de primeira missa, isto de Cristo se entregar todos os mãos nas mãos do sacerdote, seria uma idéia que também poderia ocorrer ao apóstolo do Brasil.

30. *faciens te habitaculum suum*: fazendo de ti morada sua.

Isto se refere à Sagrada Comunhão, mas é difícil encontrar um texto bíblico correspondente. O mais próximo me parece ser o Sl 131,13-14:*elegit Dominus Sion, elegit eam in habitaculum sibi*.....; *hic habitado*..... Talvez se possa citar ainda 3 Rs 8,13: *Aedificans aedificavi domum in habitaculum tuum*, como reza Salomão na solene inauguração do templo.

31. *ministerium suum et dispensatorem misteriorum suorum*: seu ministro e despenseiro dos seus mistérios.

Estes títulos ou ofícios ocorrem no plural em 1 Cor 4,1: *Sic nos existimet homo ut ministros Christi et dispensatores misteriorum Dei*. O título "ministro de Deus" também ocorre em 2 Cor 6,4 e o de "ministro de Cristo" em 11,23; o outro título "despenseiro de Deus" volta na Carta a Tito 1,7b. Quanto ao título "ministro" veja-se ainda o nº 131 no fim da explicação.

Como se vê, este trecho dos nos. 26-31 está fortemente impregnado do "Magnificat" de Maria, ao qual alude duas vezes.

4) É preciso esforçar-se, para ficar fiel e gozar da companhia do divino hóspede (nos.32-41)

32. *Labora ergo, ut fidelis inveniatis*: Portanto esforça-te, para que te encontre fiel (ou sejas encontrado fiel).

Este trecho é um amálgama de 2 Tim 2,3 (4,5) e 1 Cor 4,2: 2 Tim 2,3: *Labora sicut bonus miles Christi Jesu*! 4,5: *Tu vero vigila, in omnibus labora* (cf. nº 130). 1 Cor 4,2: *Hic iam quaeritur inter dispensatores, ut fidelis quis inveniatur*. Portanto é a continuação do nº 31 e o texto mais apropriado é 1 Cor 4,2.

33. *et lavare septies in Jordane*: toma banho sete vezes no Jordão!

É a ordem que o profeta Eliseu manda transmitir ao general sírio Naaman leproso (4 Rs 5,10b). Os funcionários do general em

seguida repetem esta ordem: O profeta apenas lhe mandou: "Lavare et mundaberis! (v. 13 no fim). Este "mundaberis" e o efeito dos banhos aparecem no fim do v.14: "et mundatus est...", verbo que pelo sentido se liga à frase seguinte.

34. *ut macula non sit in te*: de modo que em ti não haja mancha.

Quanto à tradução do "ut non" talvez se possa hesitar entre o sentido consecutivo e final; mas Anchieta era bom latinista e se usa "ut non", deve ter visado sentido consecutivo e não final, o que seria "ne"; por isso prefiro "de modo que".

Quanto à proveniência se podem citar: Sl 14,2: Só pode entrar no templo, qui ingreditur *sine macula*; 1 Mac 4,42: Judas Macabeu "elegit sacerdotes *sine macula*". Mas o texto mais apropriado se encontra em Cânt 4,7: Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te (cf. Ef 5,27). Mas Lv 22,21 Núm 19,2 2 Sam 14,25 Dn 1,4 não cabem de todo ou só precariamente no nosso contexto que visa os ministérios sagrados e especialmente a celebração da missa, implicando da parte do celebrante pureza perfeita.

35. *et si jam lotus es lava pedes saepius*: e se já tiveres tomado banho, lava seguidamente os pés!

Esta exortação lembra as palavras de Jesus a Simão Pedro no lava-pés: Qui lotus est, non indiget nisi ut pedes lavet, sed est mundus totus (Jo 13,10); as últimas palavras retomam o tema da pureza integral do nº anterior. Note-se que o complemento "nisi ut pedes", suposto por Anchieta, não representa o texto crítico que só tem: "...indiget ut lavet, sed..."; o "nisi (ut) pedes" é leitura de alguns códices e da Vulgata sexto-clementina e também da Vulgata de Beza, ao passo que o texto breve é do códice Sinaítico, de Tertuliano e Orígenes, preferido p.ex. por Tischendorf.

O "saepius" de Anchieta nunca ocorre na Vulgata.

36. *accedens ad fontes aquarum viventium*: aproxima-te das fontes de águas vivas (ou correntes).

O verbo "accedere" no A.T. muitas vezes se usa dos sacerdotes, quando oferecem sacrifícios, p.ex. Ex 19,22 Ez 40,46 43,19 45,4, e neste sentido o termo se poderia aplicar ao sacerdócio do N.T.

A expressão "as fontes de águas vivas" não ocorre tal qual na Bíblia latina. Jr 2,13 acusa os israelitas de terem abandonado a Deus, "fonte de água viva": fontem aquae vivae, ou de terem abandonado "o veio de águas vivas": venam aquarum viventium"

(17,13). No Cântico o esposo chama a esposa de "fonte dos jardins, poço de águas vivas" (puteus aquarum viventium). Finalmente Apc 7, 17 diz que o Cordeiro "conduzirá os (eleitos) para junto de fontes vivas de águas" ou de fontes de águas vivas (ad vitae fontes aquarum), aludindo a Is 49,10c.

Nas fontes de águas vivas ou correntes o nosso missivista parece visar de preferência a Cristo que prometeu à samaritana "água viva" que mata a sede para sempre e se torna "fonte de água que jorra para a vida eterna" (Jo 4,10d.14); ele também fala de torrentes de água viva que correm do seu seio (dele ou do crente: 7,38). Texto parecido ocorre adiante no nº 83.

37. custodi cor tuum: guarda teu coração!

Não encontrei passagem que corresponda literalmente ao texto citado; o imperativo de custodire nunca se encontra com "cor tuum" e pelo que vejo, **coração** nunca é objeto direto do verbo "guardar", custodire. O texto mais próximo parece ser Prov 4,23: **Omni custodia serva cor tuum**; é que o coração é fonte de todo mal (Sl 50,12 Mt 15,19 Mc 7,20-23). Poderiam ainda lembrar-se Dt 4,9.15, mas o objeto é a pessoa ou a "alma".

38. ut sanctificet tabernaculum suum Altissimus: para que o Altíssimo santifique (ou consagre) a sua tenda (tabernáculo).

O texto se encontra no Sl 45,5b: Sanctificavit tabernaculum suum Altissimus (cf. 3 Rs 9,7). Assim como Deus morava na tenda ou templo sagrados, mora também no coração do justo e especialmente do sacerdote (cf. 1 Cor 3,16-17 6,19 2 Cor 6,16), consagrado de maneira especial pela ordenação a Deus e seu serviço.

39. intrans ad te: entre em tua casa.

Tem em vista a imagem tão sugestiva de Jesus que bate à porta para se hospedar: intrabo ad illum: entrarei em sua casa (Apc 3,20; cf. Jo 14,23d Ef 3,17). A citação continua no nº 41.

40. inambulans in te: andando em tua companhia.

Alude-se a 2 Cor 6,16b: Vos enim estis templum Dei vivi, sicut dicit Deus, quoniam inhabitabo in illis et inambulabo, et ero illorum Deus, et ipsi erunt mihi populus. Esta passagem, por sua vez, é eco de Lev 26,11-12: Ponam tabernaculum meum in medio vestri.....12 Ambulabo inter vos, et ero vester Deus vosque eritis populus meus. Nestes textos se fala da presença de Deus na Igreja, respetivamente no povo eleito de Israel; isto Anchieta transfere ou aplica ao

sacerdote que de modo especial desfruta a presença e familiaridade de Deus e de Cristo.

"*Inambulare*" em latim significa passear, dar voltas, andar de cá para lá, portanto praticamente corresponde a *ambulare* ou *deambulare*, e aqui é uma maneira de exprimir a companhia familiar com Deus. Em vez do "*inambulans in te*" se esperaria "*tecum*": contigo; este "*in te*" parece ser uma reminiscência ou transferência do "*in illis*": neles, no meio deles (dos israelitas), da frase precedente: *inhabitabo in illis*: habitarei no meio deles; de resto há códices da Vulgata que ao "*inambulabo*" acrescentam "*inter eos*" ou "*inter illos*".

O verbo "*inambulare*", afora 2 Cor 6,16; só ocorre ainda em Eclo 38, 37 onde, porém, o contexto é diferente.

41. *et caenans tecum*: jantando contigo.

É alusão clara de Apc 3,20 que vimos há pouco no nº 39. Esta janta íntima e familiar parece querer insinuar a Última Ceia de Jesus com seus discípulos (cf. Lc 22,20.29-30 24,29-30 Jo 14,23 1 Cor 11, 25 etc.). Na nossa carta visa o banquete eucarístico ou a comunhão.

5) O grande e incomparável banquete eucarístico (nos. 42-48)

42. O *caena magna*: Ó que grande ceia (ou banquete)!

Neste trecho o tom é mais impessoal, falando do grande banquete eucarístico preparado para todos.

Isto lembra de imediato a parábola do grande banquete: Um homem fez ou preparou um **grande banquete** (Lc 14,16), também ele figura do banquete eucarístico. Menos óbvia é a alusão ao grande banquete que o comandante Ozias fez para Aquior (Jdt 6,19) e menos ainda Apc 19,17 ou 3 Esdr 3,1; cf. Est 2,18 1 Mac 16,15.

43. o *grande convivium, quod non septem diebus solum praeparatur*: Ó grande banquete que não é preparado apenas para sete dias.

Aqui se tem em vista não os grandes banquetes de Abraão e do Faraó (Gn 21,8; 40,20) e muito menos o de Baltazar (Dn 5,1), mas sim o "grande banquete" de 180 dias que o rei Assuero mandou dar aos aristocratas e chefes do reino, e mais exatamente o **banquete de sete dias** que ele preparou a seguir para toda a população da capital Susa, como conta com pormenores o princípio do livro de Ester: (Assuerus) fecit **grande convivium** cunctis principibus etc.....multo tempore, centum videlicet et octoginta diebus; cumque implerentur

dies convivii, invitavit omnem populum, qui inventus est Susis a maximo usque ad minimum, et septem diebus iussit convivium praeparari....(Est 1,3b.4c-5). No v.10 se fala do sétimo e último dia do banquete, quando se deu o incidente com a rainha Vasti. Também no casamento de Sansão se fez um banquete de sete dias (Jz 14,12.15; cf. 3 Rs 8,65: 7 + 7 dias).

44. *sed nobiscum est usque ad consumationem saeculi*: mas permanece (ou se prolonga) conosco até a consumação dos séculos.

São as palavras com que Jesus se despede dos seus discípulos no monte e que se encontram no fim do primeiro Evangelho: *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consumationem saeculi* (Mt 28,20). Portanto Anchieta estende à presença eucarística de Cristo sua promessa de permanência e assistência constante aos discípulos (e seus sucessores) no desempenho da sua missão de pregar e batizar.

45. *ad quod non omnis populus solum, qui est in Susan, sed mundus universus a maximo usque ad minimum invitatur*: (banquete) para o qual é convidada não apenas toda a população de Susa, mas o mundo inteiro, desde o maior até o menor.

Portanto volta-se ao banquete de Assuero (Est 1,5: nº 43). In Susan é o texto da Vg sexto-clementina, enquanto o texto crítico dá Susis (sem preposição). O "*universus mundus*" provém da final de Marcos: *Euntes in mundum universum praedicate evangelium...* (Mc 16,15; ver nº 125; cf. Mc 14,9 Mt 24,14 Col 1,5.6.23). Poderia também haver uma alusão remota à profecia de Mal 1,11 sobre o sacrifício puro e universal.

46. *in quo vinum ut magnificentia regia dignum est, bibunt*: (banquete) no qual se bebe o vinho à altura da liberalidade régia.

Continuamos em Est 1,7: *Bibebant autem, qui invitati erant aureis poculis.....; vinum quoque ut magnificentia regia dignum erat, abundans et praecipuum ponebatur*.

47. *invitati abundant*: há grande número de convidados.

O termo "*invitati*" provém de Est 1,7a e 5, mas "*abundant*" não ocorre nesta passagem. Ocorre, sim, o participio "*abundans*", que se refere a "*vinum*" no fim do v.7: teria Anchieta trocado os sujeitos? Certamente na passagem de Est se supõe a presença de muitos convidados ou de grande número de convidados, e o mesmo se refere dos banquetes oferecidos por Samuel e Adonias (1 Sam

9,22; 3 Rs 1,9.41.49). Mas no nosso caso os muitos convidados são eco da multiplicação dos pães e da parábola das núpcias, respectivamente do grande banquete (Mt 14,13-21 parr; Mt 22,2-10 Lc 14,16-24); Lc 14,16 diz expressamente: *Homo quidam fecit caenam magnam et vocavit multos* (ver também vv. 21c.23.) O relato da multiplicação dos pães certamente tem alcance eucarístico e a parábola do grande banquete ao menos permite uma aplicação homilética ao banquete eucarístico.

48. *et praecipuum impinguentes animas suas*: e o principal (ou o mais importante) é que saem satisfeitas e alentadas as suas almas.

Continua o paralelo ou contraste entre o banquete de Assuero ou das parábolas e o banquete eucarístico. Mas é difícil identificar os termos desta passagem. O "*praecipuum*" ocorre no já citado passo de Est 1,7c, mas refere-se ao vinho: este era servido em abundância, e excelente, de ótima qualidade; mas na nossa passagem o termo é um neutro indeterminado com o verbo "*est*" subentendido: o importante, o que conta mesmo, é que no incomparável banquete eucarístico saiam saciadas e satisfeitas as almas dos convivas, em contraste com o banquete de Assuero, onde se acentua a satisfação corporal. A frase é bastante concisa e zeugmática, mas o "*impinguentes*" gramaticalmente se refere aos convidados ("*invitati*": nº 47) e a tradução literal seria: os convidados engordam as suas almas, quer dizer: as almas deles saem satisfeitas e alentadas.

Posto isto, o "*impinguentes animas suas*" parece ser um recalque de duas passagens do livro dos Provérbios: 11,25: *Anima, quae benedicit, impinguabitur...*, e 13,4: *Vult et non vult piger, anima autem operantium impinguabitur*. Como se vê, o contexto das duas passagens é pouco apropriado à situação da nossa carta.

Ainda se poderia lembrar o Sl 62,7: *Sicut adipe et pinguedine repleatur anima mea*.

Depois do trecho sobre o grande banquete (nos. 42-48), segue uma longa prece do missivista, dirigida primeiro ao bom Jesus (nos. 49-76) e em seguida ao "Pai caríssimo" (nos. 77-83). No contexto da carta esta oração visa em última análise ao neopresbítero: é um convite tácito para ele rezar assim, pois é ele sobretudo que precisa destas graças.

6) Jesus, árvore da vida que conserva a vida e sacia (nos. 49-52)

49. *Quis mihi det edere de ligno vitae? Quem me dera comer (os frutos) da árvore da vida?*

Da árvore da vida e seus preciosos frutos se fala várias vezes: Gn 2,9b 3,22.24c Prov 3,18 11,30 13,12 15,4 Apc 2,7 22,14 (4 Esdr 8,52).

A passagem que faz mais ao nosso caso se encontra em Apc 2,7b onde o Filho do Homem promete ao vencedor dar de comer (os frutos) da árvore da vida: *Vincenti dabo ei edere de ligno vitae, quod est in paradiso Dei mei.*

O "Quis mihi det" é frase de transição e parece ser adaptação do "dabo ei edere" de Apc 2,7b agora mesmo citado. A expressão "quis mihi det" ocorre ainda em Jó 19,23 Cânt 8,1 (Dt 5,29) 2 Sam 23,15 e 1 Crôn 11,27: Ó se alguém me desse a beber água da cisterna de Belém! exclama Davi.

50. Nonne tu, qui solus es vita? Não és tu que só és a vida?

Não encontro esta frase tal qual; provavelmente é alusão às passagens do quarto Evangelho onde Jesus é chamado ou se chama *vida*: Jo 1,4 11,25 14,6, ou *pão da vida*: 6,33.35.48, ou o que dá vida eterna: 3,15.16.36 4,14 5,24 etc.

O "solus" talvez seja uma conclusão teológica que Anchieta tira das palavras de Jesus aos discípulos nos discursos de despedida: Eu sou o caminho, a verdade e a *vida*; ninguém vai ao Pai *a não ser por mim* (14,6). Portanto ele é o único que é vida ou a transmite (cf. 6,53-54; ver nº 15).

51. O bone Jesu! Ó bom Jesus!

Quanto vejo, tal exclamação ou invocação nunca ocorre no N.T. O homem rico se dirige a Jesus, chamando-o de "Bom mestre!" (Mt 19,16 Mc 10,17 Lc 18,18: Magister bone!). Jesus chama a si mesmo de *bom pastor* (Jo 10,11a.b.14). Entre os judeus há os que pensam que Jesus é *bom* (Jo 7,12b), e Natanael, referindo-se a Jesus, pergunta a Filipe, se de Nazaré pode vir *algo de bom* (1,46). Logo a expressão "Ó bom Jesus" tem fundamento bíblico, embora não ocorra à letra.

Mas a invocação ocorre no "Alma de Cristo", no meio: O bone Jesu, exaudi me! Ora esta era uma oração predileta de S.Inácio que a mandava rezar seguidamente nos Exercícios Espirituais. A invocação também ocorre nas aspirações de amor de S.Francisco Xavier. Assim ela seria familiar ao jesuíta Anchieta e igualmente ao neopresbítero ex-jesuíta.

52. (O bone Jesu) qui regnasti a ligno: não és tu, ó bom Jesus, que reinaste do alto da árvore (da vera cruz)?

A passagem vem do SI 95,10 e dum seu antigo aditamento:

Dicite in gentibus, quia Dominus regnavit a ligno! Este "a ligno" não se encontra no texto da Vulgata latina, nenhum códice o conservou, e por isso a já citada concordância de 1585 não a dá para o Salmo. Mas é aditamento cristão muito antigo, conservado nos textos do Alto Egito e do Ocidente e na versão boárica (do Egito). Ele aparece nos Padres mais antigos da Igreja: Carta de Barnabé, Justino, Tertuliano, no autor do *De montibus Sina et Sion*, Lactâncio, Agostinho, Cassiodoro, Leão Magno etc. Justino chegou a acusar os judeus de o terem eliminado da sua Bíblia(11).

Este aditamento teve vida muito longa e obstinada na liturgia: o assim chamado "Saltério Romano" o apresenta em alguns códices e também o Saltério mozarábico (Espanha) o tem (12). Se estes Saltérios tiveram uso mais local ou regional, penetração bem mais ampla e duradoura teve o hino "Vexilla Regis prodeunt", composto pelo bispo Venâncio Fortunato pelo fim do século 6º ou princípios do sétimo. Este hino se concentra especialmente sobre aquele "a ligno" Deus, e a terceira estrofe reza assim: Impleta sunt quae concinit / David fideli carmine, / Dicendo nationibus: / Regnavit a ligno Deus. Era rezado nas vésperas do tempo da paixão e nas festas da invenção e exaltação da santa Cruz (3 de Maio, até 1960, respetivamente 14 de setembro). Até 1955 também era cantado como hino de procissão na sexta-feira-santa (13); também aparecia ao Aleluia do Gradual da sexta-feira da oitava da Páscoa e na missa votiva da santa Cruz no tempo pascal: Dicite in gentibus: quia Dominus regnavit a ligno. Só mesmo as últimas reformas do Missal e do Ofício das Horas fizeram desaparecer da liturgia latina este famoso aditamento. O Ofício das Horas de 1971, é verdade, conservou o hino Vexilla Regis", mas o retocou ou corrigiu e omitiu toda a antiga terceira estrofe que continha o "a ligno" (14). O SI 95

(11) A. Rahlf, *Psalmi cum Odis* (Septuaginta VT Graecum...vol. X), Göttingen 1967, p. 31 e 247.

Justino, *Apol.* 1,41,5; Tryphon 73,1 (acusa os judeus).

Carta de Barnabé, VIII,5 (BAC 65:1950,788); Tertuliano, *Adv. Judaeos* XI e XIII, *Adv. Marcionem* III 19,1 (CChr Ser. Lat. I 5,33); Agostinho, *Enarr. in Psalmos*: Ps 95,11 (BAC 255,1966,515 ou PL 37,1234); Amoleto o Moço (+ depois de 451), *Comm. in Psalmos* (PL 53,464B); Cassiodoro (490-583), *Expositio in Psalt.* (PL 70,580 CD); Leão Magno, *Sermo IV in Passione Christi*; Gregório de Tours (538-594), *Historia Francorum* VI (PL 71,374C).

Bibliogr. L. Alessio, "Reinó Dios desde el Madero". Sobre la interpretación cristiana de los Salmos, *Rev Bibl* (Argentina) 33,1971, 327-337. 328-332; L. Jacquet, *Les Psaumes et le cœur de l'homme...* ** Psaumes 42 à 100, 1977, 811.

(12) R. Weber, *Le Psautier Romain et les autres anciens Psautiers latins*. Roma 1953, 237.

(13) H. Lausberg, *Lex. Theol. u. Kirche* 10, 1965, 760 e 656/57; Fortunat, *Dict. Théol. Cath.* VI/1, 1924, 611-614.

(14) De resto há também outros textos bíblicos da Vetus Latina que S. Jerônimo não conservou na sua tradução - a Vulgata -, mas que se mantiveram na liturgia: aquele célebre "in medio duorum animalium innotesceris" no responsório depois da primeira leitura da sexta-feira-santa (Hab 3,2) e o "magni consilii angelus" (Is 9,6) no intróito da terceira missa do

ocorre freqüentemente como Salmo de meditação nasas novas leituras do ciclo trienal, mas o aditamento "a ligno" nunca mais retorna.

7) Desejos ardentes de estar com Jesus e gozar da sua familiaridade (nos. 53-76)

53. Da te ergo mihi! Portanto entrega-te a mim!

Segundo o contexto se trata da Sagrada Comunhão e do desejo ardente de se unir com Jesus e gozar da sua companhia.

Não encontrei tal jaculatória na Bíblia. Poderia pensar-se no "pão nosso de cada dia" que na Oração do Senhor pedimos nos dê o Pai (Mt 6,11 Lc 11,3), pois a interpretação eucarística deste pedido era muito espalhada e deveria também ser conhecida a Anchieta.

Ainda se poderia pensar num eco do Cântico onde o esposo e esposa tantas vezes exprimem o desejo de se encontrarem, estarem juntos e pertencerem um ao outro, p.ex. *Dilectus meus mihi et ego illi* (2,16; ver ainda 6,2 7,10 7,12c!), ou talvez melhor: *Quis mihi det te fratrem meum sumentem ubera matris meae* (8,1a). Ou então seria uma resposta a Jesus que prometeu dar-se aos seus fiéis como pão da vida eterna (Jo 6,52b cf. vv. 32b.34.53b).

54. o fructus benedicti virginei ventris: ó fruto do ventre bendito da Virgem!

Isto é eco nítido das palavras de Isabel a Maria: *et benedictus fructus ventris tui* (Lc 1,42c). Note-se que adjetivo "*virgineus*" nunca ocorre na Vulgata, mas no nosso caso resume a mensagem do anjo Gabriel a Maria (Lc 1,27-37).

55. da te mihi, ut inveniam te: entrega-te a mim, para que te encontre!

A frase provém de Cânt 8,1: *Quis mihi det te fratrem meum sumentem ubera matris meae, ut inveniam te foris* O missivista aplica isto à eucaristia.

56. ut manducem, et saturer nimis: para que coma e fique farto de uma vez.

O Sl 77,29a reza assim: *et manducaverunt et saturati sunt nimis*. Fala-se dos israelitas no deserto, quando do prodígio das codornizes (Ex 16,12-13 Núm 11,31 Sl 104,40 Sab 19,11-12 4 Esdr 1,15; cf. Jo 6,26 Mt 14,20 Mc 6,42 8,8 Lc 9,17).

Natal: só mesmo as reformas litúrgicas dos últimos decênios fizeram desaparecer a primeira passagem, ao passo que o "*magni consilii angelus*" ficou até hoje.

57. **nec frauder a desiderio meo:** de modo que meu desejo não seja frustrado.

É continuação da passagem anterior, com omissão do estíquio paralelo: *non sunt fraudati a desiderio suo* (Sl 77,30a).

58. **te enim desiderat, et concupiscit anima mea:** pois a ti deseja e por ti anela a minha alma.

Isto é amálgama dos Sl's 41,2 e 83,3: *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te, Deus, e Concupiscit et defecit* (ou *deficit*: var.) *anima mea in atria Domini*.

De resto a expressão "desiderat anima mea" etc. é frequente, p. ex. Dt 12,20 14,26 1 Rs 2,16 2 Rs 3,21. O binômio "concupiscere et desiderare" ocorre em Prov 21,26 e Sl 118,20 (cf. 1 Tess 2,8), mas o contexto não é muito apropriado.

59. **Ubi habitas, Domine?** Senhor, onde moras?

É assim que André e o outro discípulo perguntam a Jesus no Jordão: *Rabbi, quod dicitur magister, ubi habitas?* (Jo 1,38c). Anchieta substitui o Rabi ou Mestre por "Senhor", como o temos em outras passagens, especialmente em Lc, p.ex. 5,8.12 7,6 9,54.

60. **Ubi cubas?** Onde te recolhes?

A pergunta deriva de Cânt 1,6: *Indica mihi....., ubi pascas, ubi cubas in meridie*. A citação voltará no nº 109.

61. **quo declinasti, dilecte mi:** aonde te dirigiste, meu amado?

É também do Cântico: *Quo abiit dilectus tuus, o pulcherrima mulierum, quo declinavit dilectus tuus?* (5,17; cf. 5,6).

62. **speciose forma prae filiis hominum:** (tu que és) o mais belo dos filhos dos homens.

Assim o cantor inspirado saúda ao jovem rei na hora do casamento: *Speciosus forma prae filiis hominum* (Sl 44,3; cf. Cânt 2,13: *Surge....., Speciosa mea, et veni*).

63. **Amabilis super amorem mulierum:** mais amável que amor de mulher (mais digno de ser amado que mulher).

É com estas palavras que Davi chora a morte de seu amigo Jônatas: *Doleo super te, frater mi Jonatha, / decore nimis et amabilis super amorem mulierum* (2 Sam 1,26). Antigamente este verso entrava no Responsório da festa das Dores de Maria na Quaresma. O

adjetivo *amabilis* apenas ocorre nove vezes na Bíblia latina, das quais duas vezes aqui e no v.23.

64. *candide, rubicunde, et electe ex millibus?* ó cândido, rosado e eleito (preferido) entre milhares?

Cânt 5,10 reza assim: *Dilectus meus candidus et rubicundus, electus ex millibus.*

65. *Quo abiisti a me....?* Para onde te apartaste de mim?

Lemos no Cânt 5,17: *Quo abiit dilectus tuus, o pulcherrima mulierum?*

Já vimos a segunda parte deste versículo no nº 61.

66. *fugistine super montes aromatum, ut hinnulus cervorum velocissimus?* então fugiste para os montes aromáticos à maneira de veado muito veloz?

Também isto vem do Cântico e lhe serve de fecho: *Fuge, dilecte mi, et assimilare capreae hinnuloque cervorum super montes aromatum* (8,14). A comparação do esposo com as gazelas e veadozinhos a correrem velozes pelos montes ou campinas também ocorre em 2,17c. 9a.7a.(8) 3,5 (4,5 / 7,3).

67. *Quomodo apprehendam te?* Como te poderei apanhar (agarrar)?

O contexto indica como fonte mais apropriada Cânt 8,2: *Apprehendam te et ducam in domum matris meae* (cf. 7,8; 2 Sam 13,11 Mt 14,31). A passagem vai voltar no nº 110.

68. *si exultas, ut gigas ad currendam viam?* se qual gigante corres com júbilo o teu caminho?

Deixamos por um instante o Cânt e voltamos ao Saltério: Fala-se do sol que qual esposo se apresta cada manhã a percorrer com arrojo e ardor juvenil o seu trajeto pelo firmamento: *exultavit ut gigas ad currendam viam* (Sl 18,6c).

69. *Revertere, Fili Mariae, revertere, ut intuear te:* Volta, filho de Maria, volta, para que te contemple!

Mais uma vez o Cântico inspirou ao missivista: *Revertere, revertere, Sulamitis, revertere, revertere, ut intueamur te* (6,12). Pela "Sulamitis" ou "Sunamitis" entrou "Fili Mariae". Jesus é chamado "filho de Maria" pelos nazaretanos (Mc 6,3); é a única vez que ele é chamado explicitamente "filho de Maria" (mas cf. Jo 19,26 Lc 2,48),

pois geralmente se fala de Maria como "mãe de Jesus", p. ex. Mt 1,18 2,11 13,55 Jo 2,3.

70. **vel da mihi pennas, sicut columbae, ut volem, et requiescam in te:** ou então dá-me asas como as da pomba para voar e achar repouso em ti.

Sl 54,7: Quis dabit mihi pennas sicut columbae? et volabo et requiescam.

O Sl é de tribulação e o salmista quer fugir para longe dos seus inimigos, para ter paz e sossego, enquanto, na nossa carta, a aspiração é estar com Cristo e isto o mais rapidamente possível.

71. **ut teneam te, nec dimittam, donec benedixeris mihi:** para que (ou de modo que) te segure nem te largue mais, até que me tenhas dado tua bênção.

As primeiras palavras são ainda do Cântico: **Tenui eum, nec dimittam, donec** introducam illum in domum matris meae (3,4c; cf. 8,2 no nº 67). As palavras que seguem, evocam a cena no rio Jaboque onde Jacó luta com o anjo ou aquele ser misterioso: **Non dimittam te, nisi benedixeris mihi!** (Gn 32,26b).

Como se vê, nesta altura da carta temos verdadeiro "ninho" ou aglomerado de citações e alusões ao Cântico dos Cânticos: nos. 61-71, **passim**, e já vimos antes, nos nos. 34.53.55, e ainda as veremos nos nos. 107-110.127. Estes poemas de amor (a Deus) eram particularmente familiares ao Pe. Anchieta, pois já como jovem estudante os empregou amiúde no "Poema da Virgem", como nota o Pe. Armando Cardoso na edição crítica deste poema (15). Na nossa carta as citações e alusões são particularmente frequentes e insistentes nesta parte da carta que estamos analisando e que compreende a longa oração a Jesus e ao Pai nos (nos.50-83).



Assinatura autográfica do
P. Joseph de Anchieta, S.J.

(15) A.Cardoso, O Poema da Virgem Composto por José de Anchieta (Arquivo Nacional vol.37), Rio 1940, pg.XXVII: o Cântico sai quase todo, esparsos pelo Poema).

72. **adhaerecatque anima mea post te:** e minha alma se apegue a ti.

É o SI 62,9a: *Adhaesit anima mea post te* (cf. 72,28 Dt 4,4).

73. **nec me tenebrae comprehendant:** para que as trevas não me surpreendam.

São palavras de Jesus: *Ambulate dum lucem habetis, ut non vos tenebrae comprehendant* (Jo 12,35c; cf. 1,5b).

74. **sed sequar te:** mas que eu te siga.

São as palavras com que alguém ou um escriba se oferece a ser discípulo de Jesus: *Sequar te, quocumque ieris!*" (Mt 8,19b Lc 9,57c; no v.61 um outro). Com as mesmas palavras Eliseu se prontifica a ser discípulo de Elias (3 Rs 19,20). Ver também o número seguinte.

75. **lumen vitae:** luz da vida.

Deve ser citação de Jo 8,12: *Ego sum lux mundi: qui sequitur me, non ambulabit (var. ambulat) in tenebris, sed habebit lucem vitae.* "lucem vitae" é a lição crítica, mas o código G, a Vulgata sixto-clementina e a de Beza lêem **lumen vitae**. Este texto reaparece no nº 105. O trecho Jo 8,12-20 se lia como evangelho no sábado antes do domingo da Paixão e lá também figura o "**lumen vitae**".

Também se pode mencionar o SI 55,13: o salmista agradece a Deus o lhe ter conservado a vida: *ut placeam coram Deo in lumine viventium*; mas isto simplesmente significa vida, esfera da vida.

76. **et in nomine tuo videam lumen:** e no teu nome veja a luz.

In nomine tuo, isto é de Jesus, é fórmula freqüente nos Evangelhos, p.ex. Mt 7,22 18,20 24,5 Lc 9,49 10,17 Jo 14,13.14.26 15,16 16,23.24.26.

A segunda parte deriva do SI 35,10: *Quoniam apud te (Deus) fons vitae, et in lumine tuo videbimus lumen.* "Ver a luz" significa ter vida, viver, desfrutar a vida, e no caso a luz-vida por excelência, vida eterna que Cristo dá. De resto se tem a impressão que Anchieta substituiu o "**in lumine tuo**" do Salmo pelo "**in nomine tuo**" dos Evangelhos.

- 8) **Iscenção de pecado e humildade, para receber dignamente a Jesus e tirar águas da fonte viva** (nos. 77-83)

77. **O utinam plane mundatus essem a peccatis meis:** ó prove-

ra a Deus que me visse completamente limpo dos meus pecados!

Como se vê pelo nº seguinte, aqui a prece de Anchieta se dirige ao Pai até o nº 83. Alude-se ao "Miserere": *Amplius* lava me ab iniquitate mea, et a peccato meo munda me (SI 50,4; cf. Ez 36,25b.33).

O advérbio *plane* só ocorre três vezes na Vulgata e nunca no contexto de purificação plena dos pecados.

78. *Pater carissime: Pai caríssimo!*

Segundo o contexto se dirige a Deus e não ao neopresbítero. O título de *Pai* dado a Deus já ocorre no A.T. e é muito freqüente no N.T., especialmente em João e Paulo; mas quanto vejo, ele nunca vem acompanhado de "caríssimo". Jesus chama o Pai de "santo" e "justo" (Jo 17,11.25), fala muitas vezes do Pai celeste ou do seu Pai ou do nosso Pai, mas nunca o chama de "caríssimo" ou dileto, amado, embora fale às vezes expressamente do seu amor para conosco: "O Pai vos ama" (Jo 16,27; cf. 14,21b 3,16 1 Jo 3,1 4,9 Mt 7,11; Paulo: 2 Tess 2,16).

Mas o título "caríssimo" ou "caríssimos" é dado por Paulo e outros com freqüência aos seus discípulos e colaboradores. Portanto o título de "caríssimo" que Anchieta dá ao Pai, tem fundamento bíblico: além das passagens já citadas sobre o amor do Pai a nós, baste lembrar a parábola do filho pródigo ou do Pai "amantíssimo" (Lc 15,18.20-24.28.31-32).

79. *ut non manducarem, nec biberem indigne corpus, et sanguinem Domini:* para (de modo a) não comer e beber indignamente o corpo e sangue do Senhor.

Como logo se reconhece, esta passagem deriva de 1 Cor 11,27-29: *Itaque quicumque manducaverit panem vel biberit calicem Domini indigne, reus erit corporis et sanguinis Domini. 28 Probet autem seipsum homo, et sic de pane illo edat, et de calice bibat. 29 Qui enim manducat et bibit indigne, iudicium sibi manducat et bibit non diiudicans corpus.* Esta passagem de S. Paulo achou eco na antiga terceira oração justamente antes da comunhão do celebrante: ... *ego indignus* sumere praesumo, non mihi proveniat in iudicium et condemnationem (agora é a segunda oração à escolha).

80. *sed in spiritu humilitatis, et corde contrito:* mas sim com espírito humilhado e coração contrito.

Estas expressões ocorrem na oração de Azarias na fornalha ardente e exprimem os sentimentos que devem acompanhar a oblação do sacrifício:*sed in anima contrita* (variante: *animo*

contrito) et spiritu humilitatis suscipiamur (Dn 3,39). Mas esta passagem é eco do "Miserere": *Sacrificium Deo spiritus contribulatus, cor contritum et humiliatum*, Deus, non despicias (Sl 50,19; cf. Is 57,15c).

Estas expressões eram familiares ao Pe, Anchieta, porque as rezava em todas as missas depois do oferecimento do pão e do vinho ao ofertório (elas foram conservadas na última reforma do missal).

81. introirem ad altare Dei: dirigir-me ao altar de Deus.

Sl 42,4a: Et introibo ad altare Dei. Estas palavras eram rezadas pelo celebrante junto com os primeiros cinco versículos deste Sl ao pé do altar (até 1970; ver nº 95).

82. ubi haurirem aquas de fonte, qui est in medio Paradisi: (altar de Deus) onde possa tirar águas da fonte que está no meio do Paraíso.

A expressão "haurire aquam" ou "aquas de fonte" é bastante freqüente: Gn 24,13.16.19.20.42.43.45 (Rebeca) (Ex 2,16.19 2 Sam 23,16) Is 12,3 Jdt 7,7.9; mas nunca se fala duma fonte que esteja no meio do Paraíso: "in medio Paradisi". Lá está, sim, a árvore da vida (Gn 2,9b e também Apc 2,7c segundo alguns códices gregos e Beza e versão boairica), e segundo outra versão lá também está a árvore proibida (Gn 2,9c 3,3); lá, no meio das árvores, os homens se escondem depois do pecado (3,8). Também se fala dum rio que procedia do Paraíso (2,10).

No caso parece haver um amálgama ou confusão de duas passagens: por um lado a da fonte que subia da terra e a regava toda (Gn 2,6) e ainda a do rio que procedia do jardim/Paraíso para regá-lo (2,10), e por outro lado a menção da árvore da vida ou das árvores no meio do jardim (2,9b.c 3,3.8).

Confusão ou troca semelhante já aparece em Gregório Magno (+604) e Isidoro de Sevilha (+636): o primeiro diz a propósito de 2,6 na Epístula 7,27 (473,21): quia in paradiso pluvia non fuit, sed fons ascendebat de medio paradisi, qui irrigaret faciem terrae. O editor cita estas palavras a propósito do texto da Vetus Latina de Gn 2,6, mas manda conferir 2,10 (o rio do Paraíso) (16).

A propósito do texto de 2,10 da mesma Vetus Latina Isidoro de Sevilha (Etymol.14,3,3) comenta: e cuius medio (videl.Paradiso ou horto deliciarum) fons prorumpens totum nemus irrigat dividiturque in quattuor nascentia flumina (17).

(16) B.Fischer, Genesis (Vetus Latina 2), 1951,37.

(17) op.cit.p.43/44; PL 82,496.

Ou existiria talvez uma lenda antiga que falava duma fonte no meio do Paraíso? Afinal S. Inácio também fala nos Exercícios de Adão, formado de barro "no Campo de Damasco" (1ª semana, 1º exerc. 2º ponto). Mas como Anchieta teria chegado a conhecer tal lenda? talvez da Vida de Cristo de Ludolfo da Saxônia ou Cartusiano que o Pe. Cardoso acha provável Anchieta tenha conhecido e usado na composição do Poema da Virgem em Iperoig em 1563 (18). Não estou em condições de verificar esta hipótese. Em todo o caso uma pesquisa rápida nos livros apócrifos do A.T. não me revelou a existência duma crença na fonte "no meio do Paraíso".

Seja lá o que for da origem desta "fonte no meio do Paraíso", Anchieta já tinha empregado esta expressão uns 28 anos antes no Poema da Virgem a propósito do lado aberto de Jesus pela lança do soldado: *O flumen, medio Paradisi e fonte refusum, / Cuius ab uberibus terra tumescit aquis* (vv.4473s). E eis a tradução que dá o Pe. Cardoso: *Ó Caudal que borbulha no seio do Paraíso / de tuas águas se embebe e fertiliza a terra* (19).

Concluindo: o "fons in medio Paradisi" é uma confusão ou mistura de duas passagens: a fonte primordial ou o rio do Paraíso receberam a localização das árvores no meio do Paraíso.

Quanto ao "haurire aquas de fonte" o texto Bíblico mais apropriado parece Is 12,3: *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris*. É que pelo contexto Anchieta parece visar no Paraíso a Igreja, em cujo centro está o altar de Deus (nº 81), fonte e manancial de imensas graças, especialmente através da Eucaristia.

83. fonte vivo, fonte aquae salientis in vitam aeternam: fonte viva, fonte, cuja água jorra para a vida eterna.

Não encontrei na Bíblia "fons vivus" (fonte de águas vivas ou correntes, não estagnadas em cisterna ou poço); ocorre, sim, "fons vitae": Sl 35,10 Prov 13,14 14,27 16,22 Eclo 21,16. Fala-se também de "fons aquae vivae": Núm 20,6 Jr 2,13 Apc 21,6; cf. Jr 17,3 Cânt 4,15. Mas em vista do que segue, talvez o "fons vivus" seja sinônimo de "aqua viva" (água corrente) que Jesus promete à samaritana (Jo 4,10d; cf. nº 36) (19 bis).

A segunda parte que fala da fonte de águas que corre para a vida eterna, se encontra no mesmo diálogo de Jesus com a

(18) A. Cardoso, op.cit., p. XXVIII.

(19) A. Cardoso, citação dos vv. 4473s, p.376. Em nota menciona Gn 2, 10 como fonte.

(19 bis). Só na revisão descobro que no Sl 41,3 por "Deum fortem: vivum" cinco códices e três edições da Vulgata dão a variante "Deum fontem vivum". Esta variante também aparece na velha Concordância de 1585 citada à pg. 140 pelo fim (ver nota 21).

samaritana: aqua, quam ego dabo ei, fiet in eo fons aquae salientis in vitam aeternam (Jo 4,14).

Aqui termina a longa prece que o missivista dirigiu a Jesus e ao Pai. A seguir ele continua mais ou menos com o mesmo tema das preces, mas fá-lo numa espécie de reflexão solitária sobre os seus sofrimentos físicos e espirituais, animada com fortes sentimentos de esperança e confiança (nos. 84-105).

9) O missivista sente vivamente a sua indignidade à vista do imenso amor de Deus e de Cristo (nos. 84-91)

- 84. Sed heu, heu, caput meum plenum cogitationibus:** Mas ai, ai de mim, que minha cabeça está cheia de apreensões (preocupações).

A interjeição *heu* ou *heu heu* ocorre dezesseis vezes; *heu heu*, p.ex. Tob 10,4.

A segunda parte "*caput meum plenum cogitationibus*" não consigo localizar. Parece que a passagem mais próxima quanto ao sentido se encontra em Dn 4,2 onde Nabucodonosor fala: "*cogitationes meae in stratu meo et visiones capitis mei conturbaverunt me*" (ver também 7,15.28 onde Daniel fala de modo semelhante).

- 85. (cogitationes) quae sunt sine intellectu:** que são insensatas.

Pode-se citar Sab 1,5: Et auferet se a *cogitationibus, quae sunt sine intellectu*; fala-se do espírito de Deus que educa. Talvez se poderia também pensar na resposta um pouco impaciente que Jesus deu a Pedro: *Adhuc et vos sine intellectu estis?* (Mt 15,16).

- 86. aruit cor meum tanquam faenum:** meu coração ficou seco que nem feno.

A citação vem do SI 101,5: *percussum est ut faenum et aruit cor meum* (cf. v.12b).

- 87. et lingua mea adhaesit faucibus meis:** e minha língua se pegou ao céu da boca.

SI 21,16: *Arui tanquam testa virtus mea* (cf. nº 86), *et lingua mea adhaesit faucibus meis* (cf. 136,6a Jó 29,10b Ez 3,26a).

- 88. non cantans canticum novum Domino, qui tot mirabilia fecit:** de modo que não consigo entoar um cântico novo ao Senhor que operou tantas maravilhas.

Seguidamente se fala de cantar ou entoar um cântico novo: SI 32,3 95,1 97,1 143,9 149,1 Jdt 16,2c.15 Is 42,10 Apc 5,9 14,3. O texto

que aqui faz mais ao caso, é o SI 97,1: *Cantate Domino canticum novum, quoniam mirabilia fecit.*

Texto semelhante nós o encontramos acima no nº 26, tirado do SI 125,2d-3. Das "maravilhas" ou prodígios operados pelo Senhor se fala muitas vezes.

Como se vê pelo que segue (nº 89), na carta o Senhor é Jesus, e as maravilhas têm em vista toda a sua vida e de modo especial os seus milagres e a Eucaristia.

89. *cui in escam datum est fel, et in siti oblatum est acetum:* a quem deram de comer fel (ou puseram fel na sua comida) e ofereceram vinagre para matar a sede.

A passagem provém do SI 68,22: *Et dederunt in escam meam fel, et in siti mea potaverunt me aceto*, texto que achou eco no relato da paixão de Mateus: *Dederunt ei vinum bibere cum felle mistum* (cf. Mc 15,23: *murratum vinum*) (Mt 27,34).....*currens unus ex eis acceptam spongiam implevit aceto*....., *et dabat ei bibere* (27,48 Mc 15,36 Lc 23,36). Jo 19,28b fala expressamente da sede de Jesus e do vinagre que lhe deram (vv.29-30a).

90. *ut dulcia essent faucibus meis eloquia eius:* para que suas palavras fossem doces ao meu paladar.

SI 118,103: *Quam dulcia faucibus meis eloquia tua* (cf. 18 11b).

91. *et ipsius musto plenus:* e cheio do seu mosto.

É alusão às palavras zombeteiras de alguns no Pentecostes: *Alii autem iridentes dicebant: Quia musto pleni sunt isti* (At 2,13; cf. a resposta de Pedro no v.15 e Jó 32,18-19).

No contexto da carta as expressões destes números parecem visar o arrefecimento da caridade e do entusiasmo sacerdotal que se operou no neopresbítero (cf. Apc 2,4).

10) Amor a Jesus sem reserva nem limite (nos.92-94).

92. *solum Dominum Deum meum toto corde, mente, et anima diligere:* eu amasse somente ao Senhor meu Deus de todo o coração, com toda a minha mente e alma.

É o assim chamado "Chemá": *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde et ex tota anima tua et ex tota fortitudine tua* (Dt 6,5). Jesus repete isto ao escriba, acrescentando no fim o "in tota mente tua" (Mt 22,37; em Lc 10,27 fala assim o próprio escriba). O "solum"

Dominum no princípio talvez seja reminiscência da resposta de Jesus ao tentador: só a ele servirás (Mt 4,10 Lc 4,8); isto por sua vez é eco de Dt 6,13c: ipsi ou illi soli servies, ao menos segundo alguns códices de boa nota e a edição sexto-clementina. Talvez também haja uma reminiscência do "Suscipe" de S.Inácio: *Amorem tui solum.....mihi dones*.

De resto Mt 22,37 se lia no evangelho do domingo 17 depois de Pentecostes e Lc 10,27 no domingo 12.

93. *omnia arbitrans sicut stercora, ut Christum lucrifacerem:* tendo tudo na conta de vil escória, para ganhar a Cristo.

São palavras de S.Paulo, escrevendo aos filipenses: *Verumtamen existimo omnia detrimentum esse propter eminentem scientiam Jesu Christi Domini mei, propter quem omnia detrimentum feci et arbitrator ut stercora, ut Christum lucrificiam* (3,8).

94. *in ejus amore iugiter delectarer:* pondo em seu amor todas as delícias.

É alusão a Prov 5,19c: *in amore illius delectare iugiter*. Fala-se da mulher amada na juventude, o que Anchieta transfere para o amor de Cristo. Note-se que o "ejus" de Anchieta corresponde à Vulgata sexto-clementina, sendo "illius" a leitura crítica baseada nos códices.

11) Sentimentos de esperança-confiança no perdão dos pecados (nos. 95-105)

95. *Sed spero in Deo, quoniam adhuc confitebor illi:* mas tenho esperança em Deus, já que ainda lhe confessarei (ou confesso).

Origem: o Sl 42,5b reza assim: *spera in Deum, quoniam adhuc confitebor illi*. O mesmo estribilho se repete quase à letra em 41,6b.12b (Sl's 41 e 42 de fato são um único salmo). Em vez de *in Deum* dois códices, a Vulgata sexto-clementina e o Missal Romano lêem *in Deo* como o faz Anchieta. É que este versículo é o último do Sl 42 que se rezava ao pé do altar e cabia ao acólito (ver nº 81).

96. *ambulans immaculatus in via:* andando imaculado (irrepreensível) no caminho.

O texto ocorre à letra no Sl 100,6b: *Ambulans immaculatus in via, hic mihi ministrabit* (cf. v. 2b 118,1). A frase vai voltar tal qual pelo fim da carta: ver o nº 131.

97. **quia ipse convertet faciem suam ad me:** porque ele voltará sua face para mim.

Não encontrei texto perfeitamente igual; o mais expressivo é SI 79,4: **Deus, converte nos:** et ostende **faciem tuam**, estribilho que se repete, com ligeiros acréscimos, nos vv.8 e 20 (ver também 84,5 e ainda Tob 3,14 Ez 4,7).

O estribilho do SI 79 alude à velha **bênção sacerdotal** que figura em Núm 6,25-26: **Ostendat Dominus faciem suam tibi, convertat Dominus vultum suum ad te.** Parece que Anchieta se deu conta disto, porque logo a seguir diz que Deus o abençoará.

98. **et benedicet mihi:** e me abençoará.

Já que muitas vezes se refere ou promete que Deus abençoa seu povo ou pessoas destacadas, se pode hesitar quanto à identificação da passagem aqui. Parece-me que a luta de Jacó com o anjo, já citada no nº 71, daria um bom contexto: Respondit (Jacob): **Non dimittam te, nisi benedixeris mihi...** Et benedixit ei in eodem loco (Gn 32,26b.29d). Mas se realmente Anchieta estava consciente do eco que o SI 79,4 (nº 97) representa da **bênção sacerdotal**, também se poderia propor Núm 6,23-24 onde Deus fala a Aarão e seus filhos: **Sic benedicetis filiis Israel...: Benedicat tibi Dominus et custodiat te** (cf. SI 66,2 e 7; este v. reza assim: **benedicat vos Deus noster, 8 benedicat nos** (var. nobis) **Deus et metuant eum omnes fines terrae**).

99. **nec secundum iniquitates meas faciet:** tampouco me tratará, como merecem os minhas iniquidades.

No SI 102,10 lemos isto: **Non secundum peccata nostra fecit nobis, nec secundum iniustitias nostras retribuit nobis.** Não há citação literal, mas segundo o sentido; note-se ainda que em lugar da lição crítica "iniustitias" a maioria dos códices e edições junto com o Saltério romano e o iuxta Hebraeos lêem "iniquitates" (20): **non secundum peccata nostra fecit nobis neque secundum iniquitates nostras retribuit nobis.**

100. **in aeternum irascens mihi:** ficando eternamente irritado comigo.

Isto provém do SI 84,6: **Numquid in aeternum irascaris nobis, aut extends iram tuam a generatione in generationem?** O SI 102,9a reza: **Non in perpetuum irascetur** (var. irascitur) **neque in aeternum comminabitur.**

101. **sed omnium debitum dimittet:** mas me perdoará toda a dívida (literalmente: a dívida de tudo ou tudo o que devo).

Do Salmo se salta para a parábola do servo cruel ou inexorável: Mt 18,27: *Misertus autem dominus servi illius dimisit eum, et debitum dimisit ei*, ou melhor no v. 32b: *Serve nequam, omne debitum dimisi tibi*.....Não sei a que propósito Anchieta usa "*omnium*" em lugar do óbvio e textual "*omne*" debitum; não encontrei nenhuma variante neste sentido nem no latim nem no grego.

102. **non permittens me ejici in tenebras exteriores:** não me deixando ser jogado nas trevas de fora.

A expressão "lançar nas trevas de fora" (em contraste com a sala de festa profusamente iluminada de noite) ocorre três vezes em Mt: 8,12 22,13 25,30; o contexto de 22,13 quadraria muito bem aqui: é que se trata do homem que entrou no salão das núpcias "sem veste nupcial". O "non permittens" é fórmula de ligação ou "costura" e tal qual não ocorre (mas cf. 1 Sam 24,8 Jdt 13,20 At 19,30).

103. **sed dabit lumen semitis meis verbum suum:** e sim dará sua palavra como luz para minhas veredas.

Isto é do Sl 118,105: *Lucerna pedibus meis verbum tuum, et lumen semitis meis* (cf. Prov 6,23). — Portanto o missivista conta com o perdão misericordioso de Deus e por conseguinte com a participação ao banquete eucarístico e com a luz divina na sua vida e conduta (nos. 99-104; cf. nos. 1-4).

104. **ut ambulem, dum lucem habeam, ut non offendam:** de modo que possa caminhar e não venha a tropeçar, enquanto tiver a luz (do dia).

São palavras de Jesus aos discípulos no quarto Evangelho: Responditque Jesus (aos discípulos temerosos, depois da morte de Lázaro): *Nonne duodecim horae sunt diei? si quis ambulaverit in die, non offendit, quia lucem huius mundi videt. Si autem ambulaverit nocte, offendit* (Jo 11,9-10 cf. 12,35b).

105. **si in tenebris ambulavero:** e tiver de caminhar nas trevas.

A locução "andar/caminhar nas trevas" é bastante frequente; a passagem mais apropriada parece ser Jo 8,12: *Ego (Jesus) sum lux mundi: qui sequitur me, non ambulabit* (var. *ambulat*) *in tenebris*.

Este texto já foi mencionado no nº 75; cf. ainda: 1 Jo 1,6b 2,11; Jó 24,17 29,3 Sl 81,5 Ecles 2,14 Is 9,2 50,10.

Quer dizer para o nosso caso: se o neopresbítero experimen-

tar dificuldades ou crises, confie em Deus e em Cristo que orientam e guiam, quando não se vê claro; mas para tanto é preciso rezar e buscar refúgio junto deles (nos. 95-107).

12) Exortação a rezar com confiança (nos. 106-117)

- 106.** *Tu ergo effunde in conspectu Dei orationem tuam: Portanto larga as velas de tua oração na presença de Deus!*

Aqui Anchieta volta a se dirigir em segunda pessoa ao seu amigo em crise, conservando o "tu" até a saudação final: "Vale!" É o que se pode chamar de conclusão ou peroração do seu discurso. A passagem bíblica mais apropriada se encontra no Sl 141,3: *Effundo in conspectu eius (i.e. Domini) deprecationem meam.*

Em lugar da lição crítica "deprecationem" vários códices e a edição sexto-clementina trazem "orationem". O verbo "effundere" equivale a **derramar** qual líquido e em sentido metafórico dar livre curso, desafogar, tendo por objeto a oração, preces, a alma ou o coração (Jdt 6,14 1 Sam 1,15 Sl 41,5b 61,9c Lam 2,19b). Simão de Vasconcelos traduz muito bem: *larga as velas da tua oração!*

- 107.** *sed sub umbra ejus quem desiderat anima tua: mas (faze-o) à sombra daquele que tua alma deseja.*

A passagem provém, uma vez mais (ver nº 71 no fim) do Cântico: *Sub umbra illius, quem desideraveram sedi* (2,3b). — A locução "desiderat anima mea/tua" é freqüente: Dt 12,20 14,26 1 Sam 2,16 2 Sam 3,21.

- 108.** *et cum venerit ad te: e quando vier ter contigo.*

A expressão é um tanto geral e vaga; mas poderia-se pensar obviamente em Jesus que, pela madrugada, vai ter com os discípulos, caminhando nas águas do lago: Mt 14,25: *Quarta autem vigilia noctis venit ad eos, ambulans supra mare* (cf. vv. 28-29; Pedro; Mc 6,48: *....venit ad eos ambulans....*; Jo 20,19,26). Mas em vista do nº seguinte também se pode pensar nos anseios e convites do esposo e da esposa de virem um ao outro; Cânt 2,8 2,10 4,8 5,1.

- 109.** *cubiturus in meridie: para habitar em tua casa ao meio-dia.*

Cânt 1,6: *Indica mihi....., ubi pascas, ubi cubes in meridie.* A passagem já ocorreu no nº 60: *ubi cubas?*

- 110.** *apprehende eum, introducens in cubiculum matris suae, ut ibi te doceat: agarra-o e o introduze no cubículo de sua mãe, para que lá te ensine.*

É ainda Cânt 8,2: *Apprehendam te, et ducam in domum matris meae: ibi me docebis, et dabo tibi poculum e vino condito*. Já vimos esta passagem no nº 67.

O texto paralelo 3,4b reza assim: *Tenui eum nec dimittam, donec introducam illum in domum matris meae et in cubiculum genetricis meae*. Portanto temos certo amálgama das duas passagens, mas a principal é a de 8,2. Aquele "*matris suae*" (não "*tuae*") se refere a Maria, insinuando ao destinatário o recurso devoto à mãe de Jesus, e portanto a devoção mariana (o mesmo veremos no nº 138).

111. (doceat) *quam dilatatae sunt tribulationes cordis mei*: (ensine) quão grandes são (quanto se avolumaram) as tribulações do meu coração.

O texto mais apropriado se encontra no Sl 24,17: *Tribulationes cordis mei multiplicatae sunt*. Portanto Anchieta substituiu o verbo "*multiplicare*" pelo sinônimo "*dilatare*"; mas veja-se o nº seguinte. Este verbo *dilatare* ocorre, é verdade, no Sl 4,2: *Cum invocarem, exaudivit me Deus iustitiae meae, in tribulatione dilatasti mihi*; mas o sentido é diferente: não se trata de aumentar as tribulações, mas sim de livrar delas: "na angústia me puseste ao largo", como traduz Matos Soares. Pereira de Figueiredo traduz assim: "na angústia me alargaste", e comenta: Quando me vi cercado, e que parecia não poder escapar das mãos de meus inimigos, tu me abriste caminho, e caminho largo (edição 1852, p.748).

O latinista terá reparado que aquele *sunt* no indicativo não está conforme a gramática, devendo ser *sint*, subjuntivo; mas desconfio que seja erro de caixa, pois logo adiante aparece claramente: *quam inutilis factus sim* (nº 113).

112. *quam multiplicatae aerumnae*: quantos (quão numerosos) são (quanto cresceram) os sofrimentos.

O único texto que contém os dizeres acima, se encontra nas palavras que Deus dirige à mulher depois da queda: *Multiplicabo aerumnas tuas* (Gn 3,16); refere-se às dores de parto, submissão ao marido, trabalho escravo. Ora isto não cabe no nosso contexto. Portanto penso que Anchieta parafraseou um pouco o texto há pouco citado do Sl 24,17: *Tribulationes.....multiplicatae sunt, multiplicatae sunt aerumnae*. Isto também explica, por que na frase anterior usou o verbo "*dilatare*" em vez de "*multiplicare*": seria para variar.

De resto um pouco adiante no mesmo Salmo temos: *Respice inimicos meos quoniam multiplicati sunt* (v.19).

Note-se muito bem que as tribulações e sofrimentos são os do próprio Anchieta, pois fala das "tribulações do meu coração" (nº 111), isto é dele que está escrevendo. Certamente ele se refere dum modo geral aos trabalhos e privações da vida missionária; mas no contexto da carta também visa as preocupações e os sofrimentos que lhe dá a crise vocacional do neopresbítero a quem escreve.

113. *quam inutilis factus sim*: quão inútil (ou imprestável) me tornei.

O missivista continua falando de si e das suas deficiências: pode-se certamente pensar nas suas deficiências e malestares físicos, como sejam a saúde combalida e os achaques da velhice (ele tinha então 57 anos, e destes 38 de Brasil e por sinal muito sofridos). Mas um pouco adiante (nº 116) ele também lembra os seus pecados e deficiências morais, dos quais espera o perdão. Logo deficiências e sofrimentos físicos e morais: que texto bíblico Anchieta teria em vista?

Poderia pensar-se em 2 Mac 7,5: o primeiro dos sete irmãos macabeus, depois de lhe terem arrancado a língua e o couro cabeludo e de lhe terem cortado as extremidades das mãos e pés, "*per omnia inutilis factus*" est: estava de todo mutilado ou decepado. Isto seria alusão à condição de corcunda (coluna dorsal arruinada) e paraplégico e talvez também aos achaques da velhice de Anchieta.

Mas já que pouco adiante também fala dos seus pecados, também teria bom cabimento a passagem do Sl 13,3, repetida em 52,4: *Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt*, texto que por sua vez repete S. Paulo em Rom 3,12. Como se vê, neste texto se fala da perversidade ou corrupção moral dos homens e portanto cabe no nosso contexto.

Além disto nesta confissão de pecados fica muito bem o fim da **parábola dos talentos** em Mt: *Inutilem servum eicite in tenebras exteriores* (25,30; ver nº 102), palavras que visam o servo indolente que deixou improdutivo o talento recebido.

Finalmente ao nosso caso também se aplicam outras palavras que Jesus dirigiu aos discípulos: "Quando tiverdes cumprido toda a vossa obrigação, dizei: 'Somos servos inúteis' " (Lc 17,10). Talvez ainda se possa lembrar a Carta a Filêmon v.11 (ver adiante no nº 117 no fim).

Conclusão: As passagens de 2 Mac 7,5 Sl 13,3 = 52,4 (Rom 3,12) Mt 25,30 e Lc 17,10 cabem, de uma ou outra maneira, no contexto da carta.

- 114.** *et sic respiciens in me, miserearis mei:* de modo que, pondo os olhos em mim, tenhas compaixão de mim.

No Sl 24,16a o salmista atribulado reza assim: *Respice in me et miserere mei!* A mesma súplica é repetida tal qual por outro salmista aflito no Sl 85,16.

Mas é claro que estes salmistas se dirigem a Deus, ao passo que na carta o neopresbítero deve olhar para as misérias corporais e espirituais do missivista e apiedar-se dele, rezando por ele.

O pedido de se compadecer também ocorre isolado em muitas outras passagens, p.ex. Sl 50,3 Tob 8,3 Est 13,15 Eclo 36,14; também estão aí os pedidos dirigidos a Jesus: Mt 9,27 15,22 17,14 Lc 17,13 18,38.

- 115.** *orans sine intermissione:* rezando sem parar.

Aqui a concordância gramatical reclama atenção: a partir do nº 106 o missivista se dirige em segunda pessoa ao neopresbítero: "Portanto larga as velas de tua oração!" A segunda pessoa ainda aparece expressamente nos nos. 107.108.110.114; além disto Anchietta fala de si mesmo nos nos.111(112).113.114, e portanto há um certo vai-e-vem entre a segunda pessoa do destinatário da carta e a primeira do missivista. Olhando de perto, vê-se que o "orans" se refere ao destinatário: ele deve mostrar sua pena com o Pe.Anchietta, *rezando sem parar* ou de contínuo pelo missivista "inútil", para que o Senhor apague sua iniquidade e lhe dê um espírito bom (nos. 116 e 117).

Vindo à identificação da nossa passagem, o texto mais próprio se encontra pelo fim da primeira carta aos tessalonicenses: "Sine intermissione orate!" (5,17: v.de apenas três termos e portanto um dos mais breves da Bíblia).

O "sine intermissione" aplicado à oração também se encontra em At 12,5b (Igreja que reza por Pedro preso) 1 Tess 1,3 Rom 1,9-10 2 Tim 1,3b. Além disto é freqüente a exortação para rezar ou fazer oração sempre ou em todo tempo, sem desistir ou desfalecer: Lc 18,1 21,36 (22,43) Col 1,3b.9b Ef 1,16 5,20 6,18 Rom 12,12 Col 4,2 (Eclo 18,22 var.) 1 Sam 12,23 Filémon 4.

- 116.** *ut deleat iniquitatem meam Dominus* (rezes sem parar) que o Senhor apague a minha iniquidade.

O texto provém do Salmo de penitência "Miserere": *Miserere mei, Deus....., secundum multitudinem miserationum tuarum dele iniquitatem meam* (50,3); o mesmo pedido se repete no v.11b (Is 43,25 44,22 Dn 9,24c).

117. et det mihi spiritum bonum: e me dê espírito bom.

Este **espírito bom** representa a força do bem, para evitar o pecado e cumprir os mandamentos, e por isso, ainda em vista da passagem precedente, se poderia pensar nos vv. seguintes do "Miserere": 12b. 13b. 14b, mas nestes textos não se nomeia expressamente o espírito **bom**, falando-se (na Vulgata) do espírito "reto", "santo" e "principal" (ou magnânimo).

O **espírito bom** como dom divino precioso é nomeado em 2 Esdr 9,20 Lc 11,13 Sl 142,10 Sab 12,1 (cf. 1,6), e é difícil estabelecer qual dos três primeiros textos seja o visado; em todo o caso os dois primeiros são os mais apropriados, porque contêm o verbo **dar**: Lc 11,13b: quanto magis Pater vester de caelo **dabit spiritum bonum** petentibus se. 2 Esdr ou Ne 9,20: Os levitas lembram a Deus na oração penitencial que ele **deu o seu espírito bom** aos israelitas no deserto.

No Sl 142,10 o salmista reza assim: Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu; **spiritus tuus bonus** deducet me in terra recta. Olhando para o sentido e alcance geral da nossa passagem, este texto do Sl, embora não contenha o verbo "dar", parece o mais apropriado como fonte da nossa citação.

Nestes últimos nos., do 111 ao 117, admiramos a humildade de Anchieta, que, para sacudir um antigo Irmão em Cristo e agora neopresbítero em crise, não hesita em apelar para as suas próprias mazelas físicas e espirituais. Isto até certo ponto lembra S. Paulo preso em Roma e velho, escrevendo ao amigo Filêmon: ut Paulus senex, nunc autem et vinctus Jesu Christi (v. 9b também 1a). Será mera coincidência que Paulo logo a seguir fale do escravo Onésimo, "qui tibi aliquando **inutilis fuit**"? (alusão ao nome do escravo: v. 11). Este termo Anchieta o aplicou a si no n.º 113; veja-se ainda a conclusão da carta: n.º 141.

13) Alegria-te e prega o Evangelho que tem profunda força de penetração!
(nos. 118-129)

118. Sed quare affligo cor tuum? Mas porque ando a afligir o teu coração?

Quase receando que as últimas palavras, lembrando os sofrimentos e penas do missivista, sejam penosas demais para o jovem padre hesitante, Anchieta passa a temas mais amenos, começando pelo da alegria.

A passagem bíblica mais apropriada parece ser a resposta de Paulo aos irmãos de Cesaréia na Palestina numa situação semelhan-

te: Quid facitis flentes et affligentes cor meum? (At 21,13). Também se poderiam ainda citar as palavras de Elcaná a Ana e as de Absalão a Tamar, onde ocorre a mesma expressão (1 Sam 1,8; 2 Sam 13,20).

119. haec commemorans? lembrando estas coisas?

Refere-se isto ao que precede, os sofrimentos e pecados de Anchieta. O verbo "commemorans" só ocorre oito vezes na Bíblia latina e aqui poderia ser simples fórmula de ligação, formando a "costura" entre os nos. 118 e 120.

Na procura de eventual fonte bíblica poderia servir Sab 8,17 onde Salomão fala do valor e importância da sabedoria, resumindo o que precede nos cc.6-8: *Haec cogitans apud me et commemorans in corde meo.....* (cf. "memorans" em Tob 2,6).

120. gaude in Domino, charissime, et iterum dico, gaude!
Alegra-te no Senhor, caríssimo! repito: alegra-te!

Não cabe dúvida que esta exortação entusiástica à alegria provenha de Filp 4,4 onde S.Paulo exorta os seus fiéis filipenses com estas palavras: *Gaudete in Domino semper, iterum dico, gaudete!* Como a gente se lembra, era (e é) o Início à missa do 3º domingo do Advento. A mesma exortação, mas menos insistente, ocorre ainda sob a pena de Paulo na mesma carta em 3,1 (2,18) e ainda 2 Cor 13,11 e 1 Tess 5,16: *semper gaudete!*

O "carissime" já o vimos no nº 78 como título freqüente nas cartas do N.T.: o vocativo ocorre em 3 Jo 2.5.11. Recebem o título "carissimus" da parte de S.Paulo os colaboradores Timóteo (1 Cor 4,17), Onésimo (Col 4,9), Tíquico (Ef 6,21 Col 4,7), Lucas (4,14) e da parte de Pedro o próprio Paulo (2Pdr 3,15). Os cristãos muitas vezes são chamados "carissimi", especialmente por Paulo. De resto, um pouco antes da passagem citada de Filp 4,4 Paulo tinha chamado os filipenses duas vezes de "carissimi" (4,1a.c); portanto o "carissime" do texto em apreço poderia ser um eco deste título "carissimi".

121. quia plantavit te: porque te plantou.

Aqui se apresenta como texto de origem Jr 11,17: *et Dominus exercituum, qui plantavit te, locutus est.* Trata-se de Israel e da sua eleição. Também se pode pensar no Sl 79,9-10: Deus plantou a vinha Israel, plantou suas raízes (também 43,3). Mas em vista do que segue, é preferível ficar com Jr 11,17.

122. in domo sua, ubi ut oliva fructifera, et speciosa in campis:
(que te plantou) na sua casa, onde qual oliveira nos campos, fecunda e formosa.....

Temos amálgama de vários textos. O texto-base é Sl 51,10b: *Ego autem sicut oliva fructifera in domo Dei speravi in misericordia Dei in aeternum*. Eclo 24,19a compara a sabedoria com a oliveira: *quasi oliva speciosa in campis*. Este texto seria familiar a Anchieta, porque o trecho 24,5-32 ocorre na liturgia nas festas de Maria. Jr 11,16 fala assim do povo eleito: *Olivam uberem, pulchram, fructiferam, speciosam vocavit Dominus nomen tuum*.

No v. precedente o profeta tinha falado "na casa do Senhor" (*dilectus meus = Israel in domo mea fecit scelera multa*). Cf. ainda nº 124.

O missivista uma vez mais fala da graça da vocação e eleição da parte de Deus: o presbítero com as suas funções na Igreja pode ser comparado com uma oliveira fecunda e bonita nos campos, o que ele vai explicar nos números seguintes.

123. *colluctationem habens adversus mundi Principes et Rectores tenebrarum harum*: embora travando luta acirrada contra os Principes do mundo e os Governadores (chefes, dirigentes) destas trevas.

O texto se encontra em Ef 6,12: *Quia non est nobis colluctatio adversus carnem et sanguinem, sed adversus principes et potestates, adversus mundi rectores tenebrarum harum*. Trata-se da luta espiritual que o cristão deve sustentar contra os poderes diabólicos, e no nosso caso das lutas e tentações para conservar a vocação.

124. *uberi fructus affers*: produzes frutos abundantes.

Não consigo ver bem a que passagem precisa se alude, sendo que o adjetivo "uber" é raro: só ocorre onze vezes. Entram em questão: Lc 12,16b: *Hominis cuiusdam divitis uberes fructus ager attulit*, ou Jo 12,25b: *si autem (granum frumenti) mortuum fuerit, multum fructum affert*. Este texto ficaria bem, porque o contexto fala de lutas a sustentar (nº 123), mas em vez do "uberi fructus" temos *multum fructum*.

Ainda se poderia lembrar o texto de Jr 11,16, já citado no nº 122: *Olivam uberem, pulchram, fructiferam, Speciosam vocavit Dominus nomen tuum*. Ou em vista da pregação do Evangelho que segue no nº seguinte, Anchieta aludiria ao fim da parábola do semeador onde se fala do fruto abundante que a palavra bem acolhida produz nos ouvintes? (Mt 13,23.8 Mc 4,20.8). Especialmente o texto de Lc 8,15 seria bastante significativo: *fructum afferunt in patientia* (entre sofrimentos e lutas: nº 123).

Finalmente a desinência singular do adjetivo *uberi* exige um esclarecimento, pois normalmente se esperaria "uberes fructus" e assim o supõe a tradução do literato e latinista Simão de Vasconce-

los: "fazendo muito fruto". Mas as gramáticas e dicionários latinos consultados não me resolveram o problema.

125. *predicans Evangelium omni creaturae*: ao pregares o Evangelho a toda criatura.

Claramente são as palavras do Ressuscitado aos discípulos na despedida final: *Et dixit eis: Euntes in mundum universum praedicate evangelium omni creaturae!* (Mc 16,15; já vimos este texto no nº 45; cf. Mt 28,19a).

É uma das poucas vezes, senão a única vez que Anchieta fala do ministério tão importante da pregação.

126. *et interponens nomen Domini Jesu*: e interpuseres (ou fizeres entrar) o nome do Senhor Jesus.

Este complemento certamente provém de At 18,4 onde se fala da atividade apostólica de Paulo na sua primeira estadia em Corinto: *Et disputabat in synagoga...., interponens nomen Domini Jesu*. Mas este texto põe um problema de crítica textual: as edições críticas do N.T. grego não dão esta passagem e mesmo a Vulgata latina está dividida: o texto aparece na edição sixto-clementina e também no texto da Vulgata de Beza, mas ele falta em muitos códices e testemunhos e por isso também é excluído do texto crítico da Vulgata: sua atestação é fraca e precária. A já mencionada Concordância de 1585 dá o inciso para At 18b.4: *interponens nomen Dom.*, sinal que ele estava em algumas (talvez todas?) das edições pre-sixto-clementinas. (21).

Não sei, se o c.18 dos Atos ou parte dele era usado como epístola na antiga liturgia; o certo é que At 18,1-8, no leccionário novo de 1970, serve de primeira leitura na 5ª-feira da 6ª semana da Páscoa, e o curioso é que aquela frase "*interponens nomen Domini Jesu*" foi conservada! Também aqui se pode aplicar o velho dito: *Habent sua fata libelli*.

De resto o termo grego correspondente "*entithéis*" que aparece p.ex. no códice D do séc. 6º (ou 5º, como se quer agora), se deve antes traduzir por "*inserido, implantado*", como dá o dicionário de Bauer, ou então por "*apresentando o nome*".

(21) *Concordantiae Bibliorum Utriusque Testamenti... quas revera maiores appellare possis* Antuerpiae. Ex Officina Christophori Plantini 1585. Esta obra estava para ser jogada ao fogo, quando o Pe. Luiz Müller se interessou por ela e a fez encadernar....isto foi em 1933. *Habent sua fata libelli...*

127. **quod oleum effusum est:** (nome) que é azeite derramado.

Provém de Cânt 1,2b: *Oleum effusum nomen tuum*, onde a esposa fala do/ao esposo.

128. **cujus sermones moliti super oleum ipsi sunt jacula:** e cujas palavras são mais suaves que azeite, mas assim mesmo são dardos.

Isto se encontra no SI 54,22c: *Molliti sunt sermones eius super oleum, et ipsi sunt iacula* (cf. Jr 9,8a).

Note-se que a grafia **moliti** (com um éle) não é boa, pois **moliri**, derivado de **moles** (volume, massa, montão), significa amontoar, construir, projetar, tramar ou urdir etc. (Saraiva), o que aqui não tem cabimento. Deve ser "**molliti**", de "**mollire**", verbo derivado de "**mollis**": mole, brando, suave etc. (Saraiva) e que significa tornar mole, suave e no passivo ser mole, suave.

129. **et penetrabiliores omni gladio ancipiti:** e mais penetrantes que qualquer espada de dois gumes.

Esta frase se encontra em Hebr 4,12: *Vivus enim Dei sermo et efficax et penetrabilior omni gladio ancipiti*. O que esta epístola afirma da eficácia irresistível da palavra de Deus, Anchieta o transfere para a de Cristo. No contexto estas palavras procuram incitar ao neopresbítero que pregue o Evangelho com seriedade, coragem e confiança na sua eficácia; ele vai produzir frutos, tem enorme força de penetração nos ânimos dos ouvintes.

Note-se finalmente que o termo "**penetrabilior**" é único na Bíblia (tampouco ocorre no positivo e superlativo).

14) Conclusão da Carta: exortação a ser vigilante e andar no bom caminho, para oferecer dignamente o santo sacrifício (nos. 130-141)

130. **Vigila ergo, et opus fac Evangelistae:** Por conseguinte sê vigilante e faze o trabalho de evangelista!

Esta passagem deriva da exortação final de S. Paulo ao seu discípulo Timóteo: *Tu vero vigila in omnibus, labora, opus fac evangelistae!* (2 Tim 4,5). Antigamente 2 Tim 4,1-8 era uma das epístolas das festas dos doutores da Igreja e como tal seria muito conhecida a Anchieta.

131. **ambulans in via immaculata, ministra Domino!** palmilha o caminho irrepreensivelmente, sê ministro do Senhor!

Isto é uma repetição do nº 96 e se encontra no SI 100,6: *ambulans (= is qui ambulat) in via immaculata hic mihi ministrabat* (cf.v.2).

O SI 118,1 põe idéia semelhante logo no princípio, fazendo dela como que a nota dominante de todo o longo elogio da "lei".

"ministra Domino", isto é uma transformação ou aplicação deste v. do SI ao destinatário da carta; mas talvez se poderiam citar outras passagens bíblicas: 2 Crôn 35,3 no fim; o rei Josias exorta os levitas: *Nunc autem ministrate Domino Deo vestro.....* 1 Sam 3,1: *Puer autem Samuel ministrabat Domino coram Heli* (ver também 2,18 e Dt 17,12). Note-se também que o termo "ministrare" (e isto igualmente em hebraico) designa aqui e em muitas outras passagens uma função sagrada ou sacral, "litúrgica" como diríamos: vejam-se p.ex. Dt 10,8 17,12 21,5 Ez 40,46 44,15ss. Este termo também lembra o "ministro" e despenseiro de nº 31 (1 Cor 4,1).

132. *et ne habitet in medio domus tuae superbia*: nem habite em tua casa (no meio da tua casa) a soberba.

É continuação do SI 100 há pouco citado, indício a mais que aquele "ministra Domino" é do Salmo e não de outras passagens: *Non habitabat in medio domus meae, qui facit superbiam* (100,7a). Em lugar de "habitabat" no imperfeito há variantes que dão "habitat" no presente e "habitabit" futuro. O aviso é sério: não se deixe o jovem padre embalar ou seduzir pelo orgulho, talvez secreto e inconfessado, na decisão que está para tomar.

133. *sed perambula in innocentia cordis tui*: mas anda na inocência do teu coração (anda com coração inocente, sem culpa)!

Isto ainda é do mesmo SI 100: *Perambulabam in innocentia cordis mei in medio domus meae* (v.2b; o "in medio domus meae" volta no v. 7a, como vimos agora mesmo no nº 132).

Portanto vê-se que Anchieta transfere ou aplica ao jovem padre os bons propósitos ou o voto do rei de Jerusalém: que ele ande irrepreensível na casa do Senhor e não admita a convivência com os orgulhosos.

134. *offerens Deo hostiam sanctam, vivam*: e oferece a Deus a hóstia santa e viva (ou o sacrifício santo...)

O texto mais condizente parece ser Rom 12,1: *Obsecro itaque vos fratres...., ut exhibeatis corpora vestra hostiam viventem* (variante: *vivam*), *sanctam, Deo placentem*. Anchieta aplicaria esta oblação espiritual ao sacrifício da missa que em oposição aos

sacrifícios da antiga lei bem se pode chamar de sacrifício espiritual, embora real e verdadeiro. Numa passagem que exprime a mesma idéia de S. Paulo, o apóstolo Pedro exorta a "offerre spirituales hostias" (1 Petr 2,5); teríamos portanto uma mistura de Rom e 1 Petr.

Mas pode ser que o nosso texto seja um eco da liturgia eucarística: no cânon romano, única oração eucarística de então, se rezava logo depois da consagração:offerimus praeclarae majestati tuae *hostiam puram, hostiam sanctam*..... *Panem sanctum vitae aeternae*.

Não consigo indicar outras fontes.

135. (hostiam) *quae tollit peccata mundi*: (hóstia, oferenda) que tira os pecados do mundo.

São palavras do Batista aos seus discípulos: *Ecce agnus Dei, qui tollit peccatum mundi* (Jo 1,29b). O códice M lê *peccata* no plural e o mesmo fazia (e faz!) a liturgia antes da comunhão:

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi. Para este pensamento também se podem conferir 1 Jo 3,5a 1 Petr 2,24.

136. *et cum sanctum Isaac immolaveris super struem lignorum*: Quando imolares o santo Isaac sobre o montão de lenha...

Trata-se do sacrifício da missa, na qual o sacerdote oferece a Jesus, ou melhor na qual o próprio Jesus, novo Isaac, se oferece ao Pai: Isaac, carregando a lenha do sacrifício e atado pelo pai no montão de lenha, para ser imolado a Deus (Gn 22, especialmente v.9) é figura de Cristo que carregou sua cruz e foi imolado neste madeiro, respetivamente o é no altar (cf. Hebr 11,17-19: "in parabola" e os comentários dos antigos Padres (22). Por ser figura de Cristo Isaac é chamado *santo*. Por isso no hino "Lauda Sion", rezado como seqüência no dia do Corpo do Senhor, se canta na penúltima estrofe: *In figuris praesignatur (panis eucharisticus), cum Isaac immolatur*. Note-se ainda que o relato do sacrifício de Isaac era recitado entre as profecias do sábado santo e na vigília do Pentecostes.

Mas este "santo" Isaac também poderia derivar do cântico de Azarias na fornalha ardente: *Neque auferas misericordiam tuam a nobis propter Abraham, dilectum tuum, et Isaac, servum tuum, et Israel, sanctum tuum* (Dn 3,35). Teria pois havido simples troca intencional ou não dos epítetos de Isaac e Jacó/Israel.

(22) Para breve orientação ver E.Mangenot, Isaac, Dict. de la Bible III,935,2 em VII,2; cf. Dict. Théol. Cath. I, 1899, 101-106.

137. **considera ad dexteram, et videbis:** olha para o lado direito e verás....

O texto alude ao Sl 141,5b: **Considerabam ad dexteram, et videbam, et non erat qui cognosceret me.**

138. **(et videbis) Matrem Jesu desolatam:** (e verás) a Mãe de Jesus desolada.

Evidentemente se alude à cena da paixão e cruz de Jesus: **Stabant autem iuxta crucem Jesu mater eius et soror matris eius Maria Cleopae** (Jo 19,25).

O “**desolatam**” deriva das circunstâncias, mas poderia também ser reminiscência de cena ou situação análoga, isto é a ruína de desolação de Jerusalém tomada pelos babilônios em 586 a.C.: **Posuit me desolatam, tota die moerore confectam** (Lam 1,13c; 3,11 Bar 4,12). O hino “**Stabat Mater**”, recitado na festa de N^a Snra. das Dores (15 de setembro) reza assim na oitava estrofe: **Vidit (Mater dolorosa) suum dulcem Natum / Moriendo desolatum.**

O “**videbis**”, além de figurar no Salmo citado, também aparece no passo evangélico da paixão: **Cum vidisset ergo Jesus matrem....** (Jo 19,26a).

Portanto aqui uma vez mais (n^o 110) e isto agora no fim patético desta Carta se manifesta o grande devoto de Maria, o autor do Poema da Virgem.

139. **plorantem in illa nocte:** (a Mãe de Jesus) chorando naquela noite.

O quarto Evangelho não fala do pranto de Maria, mas afinal é a tônica de todo “**Stabat Mater**” que se inspira no texto de S.João.

Mas creio que a alusão visa o princípio das Lamentações: **Plorans ploravit in nocte** (1,2a). Recordemos uma vez mais que estas “**Lamentações do profeta Jeremias**” eram rezadas ou cantadas no ofício das trevas da Quinta-feira-santa.

140. **(in illa nocte), qua factae sunt tenebrae super universam terram a sexta hora usque ad nonam:** (naquela triste noite), na qual (ou quando) houve trevas em toda a terra desde a hora sexta até a nona.

O quarto Evangelho não fala destas trevas durante a paixão de Jesus, mas fazem-no os três Evangelhos sinóticos com pequenas divergências entre si. O texto da Carta se ajusta mais a Mt, embora com algumas inversões: **A sexta autem hora tenebrae factae sunt**

super universam terram usque ad horam nonam (Mt 27,45; Mc 15, 33 Lc 23,44).

141. (in illa nocte nº 139), *quam vindimiavit, sicut locutus est Dominus in die irae furoris sui*: (noite) que o Senhor vindimou, como ele falou no dia da sua cólera e furor.

Esta conclusão patética e quase macabra provém de Lam 1,12: O vos omnes, qui transitis per viam, attendite et videte (cf. nos. 137-138), si est dolor sicut dolor meus: quoniam vindemiavit me, ut locutus est Dominus in die irae furoris sui.

Do "vindimar" ou devastar, massacrar, despojar de Jerusalém também falam o v. 22 e 2,20 segundo o texto da Vulgata. No final da nossa Carta o alvo concreto da vindima não é claro: segundo a análise gramatical são a noite e as trevas da paixão, efeitos da cólera do Senhor. No nosso caso o velho missionário aludiria discretamente aos pecados do neopresbítero ou ao menos aos perigos e tentações que ele corria de os cometer, devendo portanto contar com castigos severos da parte do Senhor irritado. Ou Anchieta uma vez mais insinuaria os seus próprios pecados e os castigos que por eles deveria recear, como nos nos. 116 e 111-117? De qualquer modo constitui um apelo patético e sério ao neopresbítero: o velho Anchieta se angustia por ele e a sua salvação eterna.

142. Vale. Joseph. Passa bem! José.

É fórmula freqüente no fim das cartas dos autores latinos. Na Bíblia a forma é rara, ao menos no singular: ela ocorre apenas em At 23,30, no fim da carta do comandante Cláudio Lísias ao procurador Félix: Vale! Mas esta saudação só ocorre em vários códices e na Vulgata sixto-clementina, enquanto falta em outros; Beza traz a saudação tanto no texto da Vulgata como da sua própria tradução, em consonância com o texto grego que ele adota. No original grego a saudação suscita dúvidas: enquanto muito bons códices, como o Alexandrino e o Vaticano (séculos 5º e 4º) não a têm, outros muitos a têm, p.ex. o códice Sinaitico do séc. 4º. Em todo o caso o "textus receptus" que gozou de imensa e durável autoridade – de resto pouco merecida! – o traz.

No plural a saudação ocorre em At 15,29 2 Mac 11,21.38 (bene valete!). 33 (valete!).

José é assinatura do missivista. Serafim Leite chama atenção para o fato um tanto singular que Anchieta, em vida de S.Inácio (+ 1556), não usava o nome completo e nas primeiras cartas omitia o

patronímico. Isto talvez se explique por motivos de ordem familiar: é que a família do pai de Anchieta era aparentada com a de Inácio, mas houve conflitos entre elas e em 1515 o próprio Inácio (ou Iñigo) não andou alheio, sofrendo por isso prisão eclesiástica em Pamplona (23).

III Conclusões gerais

Acabamos de analisar a Carta do Pe. Anchieta a um neopresbítero em crise vocacional, sendo o nosso objetivo principal identificar as passagens escriturísticas usadas pelo missivista. Dum modo geral acredito que consegui o meu intento; contudo ficaram dúvidas ou hesitações a respeito dum bom número de passagens, seja quanto à proveniência bíblica em si, seja quanto à identificação precisa dum texto, onde havia várias opções. Trata-se das seguintes passagens: nos. 8. 9. 20. 29. 30. 36. 37. 47. 48. 50. 53. 76. 78. 82. 84. 97. 98. 108. 112. 113. 117. 118. 119. 124. 134, e talvez de mais uma ou outra (24). Mesmo assim certamente ficou bem claro que o Pe. Anchieta dispunha dum admirável, quase diria prodigioso conhecimento da Bíblia do A. e N.T. Pode-se dizer que 95 por cento (ou mais) de toda a Carta se derivam da Bíblia e que ele maneja os textos com muita virtuosidade e maestria: com facilidade combina passagens de diversos livros, ora se concentrando mais num livro, como se dá com os livros de Ester nos nos. 43-48 e do Cânt nos nos. 61-71, ora saltando dum livro a outro e especialmente dum Salmo a outro. As "costuras" literárias ou termos de ligação são bastante raros (nos. 12. 19. 22. 26. 27. 30. 50. 84| 118), de modo que os textos dão a impressão duma peça única, espécie de túnica inconsútil, verdadeiro tapete multicolor de textos escriturísticos.

O estudo deixou claro que os livros mais usados são os Salmos, o Cântico, o quarto Evangelho, as cartas paulinas. Usa relativamente pouco os grandes profetas e os evangelhos sinóticos, sendo que entre estes os de Mt e Lc com uns 7-8 textos cada são os mais usados. É um tanto estranho que use tão pouco os Atos dos Apóstolos (quatro vezes) e deixe em branca nuvem os Profetas Menores: não encontrei nenhuma referência óbvia, e Oséias teria oferecido matéria muito apropriada.

(23) S. Leite, *Monumenta Brasiliae II* (1553-1558) (*Monumenta Hist^a S.J.* vol. 80-*Mon. Miss. S.J.* vol. 11), Roma 1957, 70^a-71^a.

(24) Talvez me falte um pouco de criatividade ou imaginação para captar mais exatamente a significação de certas passagens e conseqüentemente a sua localização na Bíblia ou liturgia. Ficaria grato ao leitor interessado que se deu a pena de acompanhar o meu estudo, se mostrasse novas pistas.

A pesquisa também deixou claro que ele não se inspirou unicamente nos textos bíblicos, pois também a liturgia da missa e do breviário teve a sua participação, embora bastante modesta. Aqui lembro sobretudo o "regnasti a ligno" (nº 52.134). Reflexos dos Exercícios de S. Inácio e da piedade em geral parecem ser o "bone Jesu" (nº 51), o "qui tradit se quotidie in manus tuas" (nº 29), "Da ergo te mihi" (nº 53), "Pater carissime" (nº 78) e o "cum sanctum Isac immolaveris" (nº 136).

Quanto à *ordem* e nexo lógico das idéias não descobri um fio de meada claro; apenas consegui isolar algumas secções com certas idéias dominantes. O que parece haver é antes uma progressão dinâmica das idéias, sem esquema perfeitamente lógico premeditado.

A carta é uma espécie de pleito ou luta renhida por uma alma sacerdotal desnordeada, mergulhada na desconsolação e nas trevas, a qual ele procura reanimar e por vezes sacudir do torpor, mostrando-lhe as grandezas e valores do sacerdócio.

Temos portanto uma espécie de *peça oratória* com grande variedade de situações e alocuções. Anchieta começa por se dirigir diretamente, em segunda pessoa, ao destinatário, almejando-lhe que Cristo ilumine o seu coração (nos. 1-11). Depois fala do Pão dos Anjos e seus frutos nas pessoas (12-18 e 24-25). Em seguida passa ao "nós" (19-23). Retoma por um bom trecho a segunda pessoa do singular (26-41), volta à primeira do plural, falando do grande banquete (42-44), passando em seguida à terceira do plural (45-48).

Segue longo trecho em que fala de si mesmo (49), empenhando-se em demorada oração a Jesus e ao Pai (50-76: 77-83) e como que perdido em reflexões sobre sua miséria espiritual e corporal (84-105).

Por fim, numa espécie de última investida e peroração patética retorna ao "tu" da alocução direta até o fim (106-142), voltando, porém, a mencionar as suas próprias misérias (111-117).

Uma pergunta que fizemos no princípio a respeito da finalidade concreta da carta — *só fidelidade ao sacerdócio ou também volta à Companhia* —, não recebeu esclarecimentos além dos mencionados pelos antigos biógrafos (ver acima, no fim da Introdução).

Quanto às *motivações aduzidas* dá na vista que o missivista, já de idade avançada e alquebrado, se concentra quase que exclusivamente nas imensas riquezas do sacrifício eucarístico. O ministério da pregação é muito pouco enfatizado (nos. 125-130), o ministério do confessorário nunca é mencionado. Acentua-se a vigilância e a oração (nos. 106.115; 37-39.130-133) e a alegria espiritual (120), e

como conclusão e quase última martelada a devoção a Nossa Senhora das Dores (137-139); esta devoção já tinha sido mencionada nos nos. 69 e 110 e insinuada pelas alusões ao "Magnificat" nos nos. 16.28.

Finalmente a gente gostaria de saber, se este apelo comovente deu resultado. Provavelmente nunca o saberemos ao certo; mas a julgar pelo fato de a carta se ter conservado, carta que era particular e tratava dum problema de consciência, se pensaria que o resultado foi positivo, pois ninguém gosta de conservar o que seria um lembrete permanente de conversão e remorsos. O certo é que a carta se tornou conhecida no processo da canonização em 1620, como S. de Vasconcelos nota à margem do texto da carta. Também talvez seria uma tarefa interessante para um historiador verificar quem era este jovem padre, antigo membro da Companhia no Brasil. Um pesquisador paciente talvez estivesse em condições de encontrar o nome deste personagem para nós anônimo.

IV A P Ê N D I C E: Índice bíblico

Nb. As cifras entre parênteses indicam textos paralelos ou alternativos ou identificações possíveis, mas duvidosas.

Gn: 2,9b: nº 49 (82) (2,10: nº 82) 3,16: nº 112) 14,18: nº 11 22,9: nº 136; 32,26b.29d: nº 71.98.

Êx: (16,4b: nº 12).

Lev: (26,11-12, nº 40).

Dt: 6,5: nº 92.

2 Sam 1,26: nº 63. 3 Rs 19,20: nº 74. 4 Rs 5,10b: nº 33. Esd/Ne (9,15: nº 12).

Est: 1,3b-5: nº 43; 1,5: nº 45.47; 1,7: nº 46.47.48.

1 Mac (4,42: nº 34) 2 Mac 7,5: (7,5: nº 113).

Salmos: (8,5: nº 8; 13,3 = 52,4: nº 113) 14,2: nº 34; 18,6c: nº 68; 21,16: nº 87; 21,27a: nº 14; 24,16a: nº 114; 24,17: nº 111.112 (32,3: nº 88) 35,10: nº 76; 41,2: nº 58; (41,3: nº 83 n. 19 bis) 42,4: nº nº 81; 42,5b: nº 95; 44,3: nº 62; 45,5b: nº 38; 50,3: nº 116; 50,4: nº 77 (50, 12b.14b: nº 117; 50,19: nº 80) 51,10b: nº 122; 54,7: nº 70; 54,22c: nº 128; 62,9a: nº 72; 66,2.7: nº 98; 67,16: nº 6; 68,22: nº 89; 75,4: nº 24; 77, (24b)25: nº 12; 77,29a: nº 56; 77,30a: nº 57; 77,54: nº 5 (79,4: nº 97; 79,9-10: nº 121) 83,3: nº 58; 84,6: nº 100 (85,16: nº 114) 89,17: nº 3; (95,1: nº 88) 95,10: nº 52; 97,1: nº 88; 100,2b: nº 133; 100,6b: nº 96.

131; 100,7a: n° 132; 101,5: n° 86 (102,9a: n° 100) 102,10: n° 99; 106,9b: n° 16) 106,10: n° 23 (118,1: n° 131) 118,103: n° 90; 118,105: n° 103; 125,2d-3a: n° 26 (88) 131,13-14: n° 30; 141,3; 141,3; n° 106; 141,5b: n° 137; 142,10: n° 117. (143,9: n° 88 149,1: n° 88)
Jó: 7,17: n° 8; **Prov:** 4,23: n° 37; 5,19c: n° 94; 11,25 e 13,4: n° 48.

Cânt: 1,2b: n° 127; 1,6: n° 60.109; 2,3b: n° 107; (3,4: n° 71,110; 4,7: n° 34; 4,15: n° 36) 5,10: n° 64; 5,17: n° 61.65; 6,12: n° 69; 8,1: n° (53).55; 8,2: n° 67 (71).110; 8,14: n° 66.

Sb: 1,5: n° 85 (8,17: n° 119; 10,10: n° 4) 16,20: n° 18 (12).

Eclo: 2,10: n° 2.

Is: 4,4: n° 21 (12,3: n° 82; 29,9: n° 27) 66,11: n° 7.

Jr: (2,13: n° 36; 11,16: n° 122. 124) 11,17: n° 121.

Lam: 1,1: n° 138; 1,2a: n° 139; 1,12: n° 141; 1,13c: n° 138; 1,22 e 2,20: n° 141; 3,11: n° 138. **Bar:** (4,12: n° 138).

Dn: 3,35: n° 136; 3,39: n° 80 (4,2: n° 84; 7,15. 28: n° 84).

Mt: 7,22: n° 76; 8,19b: n° 74 (14,13-21 parr: n° 47) 14,25: n° 108; (17,21: n° 29) 18,27. 32b: n° 101 (19,16 parr: n° 51) 22,13: n° 102; 22,37: n° 92 (26,45: n° 29) 27,45: n° 140; 28,20: n° 44.

Mc: 6,3: n° 69; 15,33: n° 140) 16,15: n° 45.125.

Lc: 1,42c: n° 54; 1,46: n° 28; 1, (48). 52: n° 28; 1,53a: n° 16 (1,79: n° 23; 5,39: n° 19) 9,57c: n° 74; 10,27: n° 92 (12,16b: n° 124) 14,16: n° 42 (17,10: n° 113; 23,44: n° 140; 24,7: n° 29).

Jo: (1,4: n° 50) 1,9: n° 1; 1,29b: n° 135; 1,38c: n° 59; 2,10: n° 19; 4,10. 14: n° 83 (6,31. 32: n° 12. 15; 6,33. 35. 41b. 48. 50a. 51. 59: n° 15. 50) 6,52. 59: n° 17; 6,56: n° 13; 8,12: n° 75. 105; 11,9-10: n° 104; (11,25: n° 50) 12,25b: n° 124; 12,35c: n° 73; 13,10: n° 35; 14,6: n° 50; 19,25. 26a: n° 138.

At: 2,15a: n° 91 (13,41: n° 27) 18,4: n° 126; 21,13: n° 118; 23,30: n° 142.

Rom: 2,4: n° 27 (3,12: n° 113) 5,10: n° 20; 12,1: n° 134.

1 Cor: 4,1: n° 31; 4,2: n° 32 (10,3: n° 12) 11,27-29: n° 79; 13,11: n° 10.

2 Cor: 5,18-19: n° 20 (6,4: n° 31) 6,16b: n° 40 (11,23: n° 31).

Ef: (1,18: n° 2; 5,27: n° 34) 6,12: n° 123.

Filp: 3,8: n° 93; 4,4: n° 120. **Col:** 1,20: n° 25. **1 Tess:** 5,17: n° 115; 2

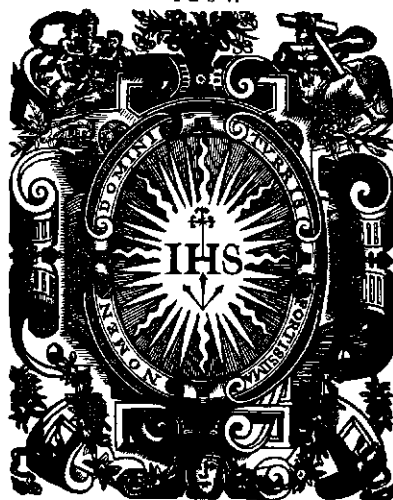
Tim: 2,3: n° 32; 4,5: n° 32.130. **Tito:** (1,7b: n° 31).

Hebr: (1,5: n° 27; 2,6b: n° 8) 4,12: n° 129; 9,12b: n° 22.

1 Pdr: (2,5: n° 134) **3 Jo:** 2.5.11: n° 120.

Apc: 1,5: n° 19; 2,7b: n° 49; 3,20: n° 39.41.

Feyta pelo padre Joseph de Anchieta da Cõpanhia de
I E S V.



Existe no Arquivo Romano da Companhia de Jesus uma coleção de tais carimbos, próxima de um milhar. Neste, da “gramática”, a sigla “IHS” acha-se cercada dos dizeres “Turris Fortissima, Nomen Domini”, tirado do Livro dos Provérbios, capítulo 18, versículo 10, dando em vernáculo que “O nome do Senhor é torre fortíssima”.

“IHS” é sinal característico da Ordem dos Jesuítas, sendo um monograma do nome de Jesus. Consiste das primeiras letras maiúsculas gregas da palavra “Iêsus”, sendo I igual a I ou J, H o mesmo que um E aberto e comprido, e ocorrendo ainda, em vez do sigma grego, o correspondente S latino.

Muitas vezes, neste monograma, a letra do meio, ou seja o H, encontra-se encimado de uma cruz, dando por conseguinte IHS. E, lá onde se usa como as armas da Companhia de Jesus, qual se dá com suma freqüência em carimbos, ainda se lhe ajuntam embaixo três pregos reunidos, resultando então em IHS.

No grego este monograma se apresenta, outrossim, com as abreviações de I.H.S., dando-se isso para as palavras gregas de “Jesus” (Ἰησοῦς), “Cristo” (Χριστός) e “Salvador” (Σωτήρ).

No latim teriam elas a sua aplicação para “Jesus Hominum Salvator” (Jesus, o Salvador dos Homens).

Outra interpretação, menos erudita, enxerga no monograma as letras iniciais da expressão latina “In Hoc Signo Vincas” ou “Hás-de vencer neste sinal”, sendo que os três pregos, supostos ao H, passam a ler-se como um V.

Outras interpretações ainda vêm neste monograma a abreviação da expressão latina “In Hoc Salus” (Neste a Salvação) ou “In Hoc Signo” (Neste sinal).